A PRIMEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

A PRIMEIRA EDIÇÃO
DOS
LUSIADAS

POR

TITO DE NORONHA

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIÊNCIAS,
DO INSTITUTO CONIMBRICENSE, ETC.

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON, EDITOR
PORTO E BRAGA

M DCCC LXXX

I

Em 1572 publicou-ſe em Liſboa um poema, que eſtava deſtinado a ter mais tarde uma reputação univerſal, reſumir uma litteratura, a repreſentar uma nacionalidade.

Apeſar dos ſeus deffeitos, de todos os deffeitos que accintoſamente lhe teem deſcuberto, (1) os *Luſiadas* ſão ain-

---

(1) Os mais notaveis detractores de Camões teem ſido mr. de Voltaire e o noſſo Joſé Agoſtinho de Macedo.

Voltaire leu ao que parece mui profunctoriamente os *Luſiadas*, e do auctor mal ſabía até a nacionalidade, ſegundo ſe vê do ſeu *Eſſai ſur la Poeſie Epique*, pag. 273 (ed. de Lauſane, 1756) onde diz: «Camoens nâquit en Eſpagne dans les dernieres années du regne célebre de Ferdinand & Iſabelle, tandis que Jean II régnoit en Portugal.» Ora o reinado de Fernando V e Iſabel de Caſtella abranje os annos de 1479 a 1504; o de D. João II de 1481 a 1495, e Camões naſceu em

da uma das mais bellas, ſenão a mais bella, das epopeas modernas.

Todos, nacionaes e eſtrangeiros, continuam a reverenciar o inſpirado cantor dos noſſos faſtos epicos, o ſoldado audaz, que legou á poſteridade eſſe famoſo padrão litterario, eſſe repoſitorio da lingua, eſſe copioſo eſtendal das noſſas paſſadas façanhas, onde a par do mais grandioso patriotiſmo reſalta a vaſta erudição de um homem que foi grande no ſeu ſeculo, e que o continúa a ſer tres ſeculos depois.

Camões é uma gloria nacional, e ſe foram audacioſas as empreſas que elle cantou, elle cantou-as com ſublimidade condigna.

Pagou-lhe mal a patria, (2) mas a poſteridade tem ſaldado fartamente a divida, fazendo juſtiça inteira ao talento peregrino d'eſſe grandioſo vulto, creador «d'eſſe poema

---

Liſboa em 1524 e falleceu na meſma cidade em 1580. Voltaire eſcreveu ſobre os *Luſiadas* com a meſma conſciencia e exactidão com que eſcreveu ſobre o auctor. De reſto, deſpeito de quem como epico apenas conſeguiu produzir a *Henriade*. A mr. de Voltaire reſpondeu, largamente, conteſtando-lhe as arguições, o padre Thomaz José de Aquino, de pag. XVI a XXXX do diſcurſo preliminar das *Obras de Luis de Camões*, Liſboa 1779 (vol. I.)

O padre Joſé Agoſtinho, com a ſua *Cenſura dos Luſiadas* (Lisboa 1820, 2 vol.) ſe provou alguma couſa, mais provou o ſeu genio atrabiliario, ſem que com iſſo fizeſſe ſobreſahir o ſeu *Oriente*. Ao padre reſpondëra antecipadamente Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, com o ſeu *Exame analytico*, Liſboa 1815.

(2) Por alvará de 28 de julho de 1572 el-rei D. Sebaſtião concedeu a Luiz de Camões 15$000 réis de tença, pelo ſerviço feito «nas partes da India por muitos annos» e aos que eſperava ainda podeſſe fazer, e *tambem* pela «ſuficiencia que moſtrou no livro que fez das couſas da India» Vej. a edição do sr. Viſconde da Juromenha, vol. I pag. 169, Liſboa 1860.

Tomando por termo de comparação a moeda de 500 réis, man-

ſublime, o mais grandioſo, o mais grave, o mais novo de quantos a Europa moderna tem produzido». (3)

Por uma coincidencia fatal, o cantor da patria morreu no anno em que ella era ſubjugada pelas hoſtes de Filippe II; (4) mas se o paiz deixava de ter existencia politica, ſe o ſeu cantor eſcondia a ſua miſeria numa ſepultura mais que modeſta, á poſteridade legava um monumento que o tornou bem conhecido e á patria, os *Luſiadas*.

dada cunhar por el-rei D. Sebaſtião poſteriormente á lei de 2 de janeiro de 1560, vê-ſe que a tença concedida a Camões repreſentaria hoje 64$700 réis, porquanto d'aquellas moedas entravam 60 em marco, valendo portanto o marco de ouro amoedado 30$000 réis, e a tença correſpondia exactamente a meio marco: hoje entram das moedas de ouro de 1$000 rèis 129 e quaſi meia em marco, o qual amoedado vale 129$400 reis, e metade 64$700 réis, iſto é, 177 rèis por dia. Mereceu pois bem a pena ſervir a patria durante 16 annos, perder um ôlho, e eſcrever os *Luſiadas,* para ter por final recompensa 177 réis diarios!

(3) *Hiſt. des hommes, des événements et des découvertes,* Bruxelles 1841 pag. 180

(4) Luiz de Camões morreu a 10 de junho de 1580, e a 25 de agoſto d'eſſe meſmo anno entrava em Liſboa o duque d'Alva, á testa do exercito invaſor.

II

Os *Lusiadas* foram impressos em 1572, mas qual seja a primeira edição, ou se ha mais do que uma d'esse anno tem sido ponto assaz questionado.

Os primeiros editores e commentadores referem-se a uma edição unica, como por exemplo, Pedro de Mariz, na edição de 1613, que diz, fallando do poeta: «Depois d'isto (do regresso á patria) acabou de compor & limar estes seus Cantos q̃ da India trazia cõpostos: & no seu naufragio salvara com grande trabalho, como elle mesmo diz na octaua acima referida. E logo no anno de setenta & dous os imprimio.» (5)

Nesta mesma edição, o commentador Manoel Correa

---

(5) *Lusiadas*, Lisboa 1613, 6.ª fol. innumerada.

não ſe refere a outra, que de certo não conheceu, apesar de ſer amigo do poeta, como elle meſmo nos diz na advertencia «Fiz ha muytos annos eſtas annotações ſobre os Cantos de Luis de Camões, a petição de um amigo, ſem intento de os imprimir, porque ſe o pretendéra, com muyto mais razão o fizera em vida de Luis de Camoẽs, que mo pedio com muyta inſtancia. (6)

Manoel Severim de Faria, nos ſeus *Diſcvrſos varios,* (Liſboa 1624) tambem não ſe refere a mais de uma edição. «Depois que Luis de Câmões imprimio os ſeus Luſiadas paſſou o reſtante da vida em Liſboa... E fallecendo elle ſete annos depois da ſua impreſſão (a qual foi no anno de 1572)». (7)

Manoel de Faria e Sousa, quando em 1639 publicou em Madrid os *Luſiadas comentados,* apeſar de ter gaſto nos commentarios 25 annos, conforme elle meſmo nos diz, (8) ainda não diſtinguia mais do que uma edição; só mais tarde, quando eſcreveu a ſegunda vida do poeta, e que sahiu posthuma (9) junƈto á edição das *Rimas* de Camões, Liſboa, 1685, é que diſtingue duas edições, e julgo ter elle ſido o primeiro que o fez: diz-nos pois o prolixo commentador no paragrapho 27 da *vida* na citada obra: (10)

---

(6) Op. cit., verſo da 3.ª fl. inn.

(7) Op. cit., fl. 128, 128 ỷ.—Todos os biographos de Camões, até ao sr. Viſconde de Juromenha, deſignam o anno de 1579 como o do fallecimento do poeta, o que não é exaƈto. Camões falleceu a 10 de junho de 1580, como ſe póde ver do documento *K* publicado pelo sr. Viſconde a pag. 172 do vol. 1 (Liſboa 1860) da ſua edição das *Obras de Camões.*

(8)... pues vemos agora tantos libros meditados en una noche eſcritos en un mes, i divulgados al otro dia, con la felicidad que no hemos podido conſeguir em eſte por diſcurſo de 25 años.» Prologo da ed. de 1639, col. 5.

(9) Manoel de Faria e Sousa falleceu em Madrid em 1649.

(10) A vida do poetà, que eſtá na edição das *Rimas* em ſeguida

«Aviendo pues, llegado el P. a Lifboa el año de 1569. el de 1572. publicó por medio de la Eftampa fu Lufiada, aviendofele concedido Privilegio Real en 4. de fetiembre de 1571. Dió con el un gran eftallido en todos los oidos, y un refplandor grande a todos los ojos, màs capazes en Europa. El gafto defta impreffion fue de manera, que el mismo año fe hizo otra. Cofa que aconteció rara vez en el mundo; y en Portugal ninguna más de efta. Y porque efto he examinado bien en las mifmas dòs ediciones que yo tengo; por differencias de caracteres; de orthografia, de erratas que ay en la primera, y fe ven emendadas en la fegunda y de algumas palabras con que melhorò lo dicho.»

Depois de Faria e Sousa affentou-fe que houve duas edições dos *Lufiadas* em 1572, julgando-fe que motivára a reproducção o bom acolhimento que o livro teve, ou a neceffidade de o limpar de erros que na primeira producção efcaparam.

O morgado de Matheus fegue a primeira opinião. «Os exemplares d'efta edição (cujo numero ignoramos) venderam-fe tão promptamente, que no mefmo anno de 1572 foi efte Poema reimpreffo pelo mefmo impreffor.» (11)

O abbade de Sever penfa por igual forma, por quanto, no vol. III da fua grandiofa *Biblioth. Luf.*, pag. 74, diz «*Os Lufiadas*. Poema Heroico... fahio impreffo em Lifboa por Antonio Gonfalves 1572. 4. Foy efta obra recebida com tal aplaufo do orbe literario que no mefmo anno fe imprimio mais correcta».

Os cuidadofos editores da edição de Hamburgo atri-

---

ao prologo, não se encontra em todos os exemplares: no da Bibl. do Porto, por exemplo, não eftá.

(11) *Lufiadas*, ed. de Paris 1817, Advert., pag. I, II.

buem á segunda causa a reproducção do livro no meſmo anno:

«Em 1572 ſahiu pela primeira vez á luz, impreſſo em Liſboa, na officina de Antonio Gonçalves, eſte divino poema; mas tão desfigurado, que neſſe meſmo anno ſe julgou neceſſario fazer ſegunda edição: na qual ſe emendárão alguns erros de pouca monta, e ſe commetêrão outros de novo». ([12])

D. Joſé Maria de Sousa Botelho, admirador enthuſiaſta do poeta, deu-ſe ao improbo trabalho de confrontar as duas edições, de contar os erros de cada uma, como largamente ſe póde ver da ſua grandioſa edição de Paris (1817).

O academico Trigoſo igualmente reconhece a exiſtencia de duas edições com a data de 1872: «Com a meſma data de 1572 appareceo huma reimpreſſão dos Luſiadas muito ſemelhante á precedente, pois tem o meſmo *formato*, o meſmo numero de paginas, a meſma letra, o meſmo papel; emfim á primeira viſta parece em tudo identica, e só depois de confrontadas huma com a outra, he que ſe podem perceber algumas differenças.» ([13])

Trigoſo, no fim do ſeu exame, publíca a—«Tabua dos principaes erros da primeira edição de 1572, que forão emendados em a ſegunda do mesmo anno»—eſta *primeira edição* é a adoptada pelo morgado de Matheus.

O recente biographo e deligente inveſtigador das couſas que a Camões se referem, o sr. Visconde da Juro-

---

(12) *Obras de Luiz de Camões*, Hamburgo 1834 vol. I, prol., pag IX.

(13) Sebaſtião Francisco de Mendo Trigoſo, *Exame critico das cinco primeiras edições dos Luſiadas*, publ. na *Hiſt. e mem. da Academia*, vol. VIII p. I pag. 169 (Liſboa 1823).

menha, na sua amplissima edição das obras do poeta, diz, no vol. I (1860) pag. 446, tractando das edições de 1572:

«Sobre estas duas edições tem-se suscitado uma questão, isto é, se a segunda foi realmente uma nova edição que saiu no mesmo anno, ou contrafacção da primeira. Eu estou persuadido que foi uma contrafacção d'esta, porém ordenada pelo mesmo auctor ou editor, retratada quanto foi possivel da edição *Princeps*, com os mesmos typos para se não destinguirem d'aquella, que saiu no anno de 1572; podia tambem sair em epocha differente á da data marcada no frontispicio. O que deu logar a esta subtileza foi por ventura a necessidade de evitar as delongas das licenças e censuras, ou alguma caballa que se levantasse contra a integral reimpressão do *Poema* sem as amputações que soffreu na edição seguinte (1584).»

Em seguida á publicação da obra do sr. Visconde, e no mesmo anno, dava-se á estampa o vol. v do apreciavel *Diccionario Bibliographico* e ahi, no artigo relativo a Camões, diz o meu fallecido mestre e grande bibliographo (pag. 251):

«Tem sido opinião vulgar entre os bibliographos, que não existem mais que duas edições diversas com a indicação da data de 1572, e que os exemplares que apparecem são necessariamente de uma d'ellas. Porém *ha toda a razão para crer que isto não passa de uma supposição erronea;* e para elucidação do ponto transcreverei aqui parte de uma nota que ha pouco tempo me foi enviada do Rio de Janeiro, da penna do sr. conselheiro Castilho; na qual o mesmo senhor, alludindo á *Memoria* que escrevêra em 1848 (citada pelo sr. Visconde (da Juromenha) a pag. 406 do seu livro) se exprime nos termos seguintes: «Sendo bi«bliothecario-mor, desejei confrontar as chamadas duas edi«ções de 1572, e reuni ante mim por favor de varias pes-

«ſoas de Liſboa ſepte exemplares de 1572. Paſſando a ve-
«rificar as confrontações, ſegundo os preceitos dados pelos
«que deſignaram em que conſiſtiam eſſas differenças, tive
«occaſião de reconhecer poſitivamente, que com a data de
«72 houve talvez quatro, e pelo menos tres edições. Creio
«ter provado na minha *Memoria* ſerem contrafações umas
«das outras, e publicadas no intervallo que medeiou até
«1584, que é a ſegunda data conhecida de edição diverſa.
«Era o meio de evitar os gaſtos, os eſtorvos, e perigos das
«varias cenſuras, etc.»

Apeſar porém das palavras tranſcriptas, o noſſo fallecido amigo parece diſtinguir apenas duas edições com data de 1572, mencionando-as ſob os numeros 1 e 2, acrescentando meſmo (pag. 250) «Quanto a mim, parece-me que para fazer a devida diſtincção entre elles (exemplares) baſtará indicar a confrontação dos dous ultimos verſos da oitava primeira do canto I, que na edição *princeps* ſão escriptos como ſe ſegue:

«Entre gente remota edificaram
«Nouo Reino, que tanto ſublimaram.»

«E na chamada *ſegunda* lêem-se pela forma ſeguinte:

«E entre gente remota edificarão
«Nouo Reino, que tanto ſublimarão.»

Mais adiante, pag. 251, acreſcenta:

«Seja porém o que fôr, *da edição ou edições* que vulgarmente ſe reputam uma ſó, e a que chamam ſegunda...»

Perſuado-me que o auctor do *Dic. Bibliogr.* eſcreveu, d'eſta vez, um pouco influenciado pelas palavras do antigo e notavel bibliothecario-mor, o qual, de paſſagem o

diremos, no seu larguiſſimo e curioſo *Relatorio* cita apenas uma edição de 1572. (14)

Em contrapoſição ao parecer do sr. Caſtilho, que eleva as edições datadas de 1572 a quatro, a tres pelo menos, encontrâmos outra opinião, tambem não menos ſingular.

O sr. Silva Tullio, no ſeu erudito artigo *Fac-ſimile do roſto da primeira edição dos Luſiadas—1572*, ſendo de opinião que neſſe anno houve ſó uma edição, e que d'uma edição apenas, alterada durante a impreſſão, ſão os exemplares de 1572, termina as ſuas reflexões da ſeguinte forma:

«O que até aqui temos adduzido e ponderado, parece-nos baſtante para fundamentar a opinião—de que Luiz de Camões não revira as provas da impreſſão do ſeu poema feito em 1572, *e de que não houve mais que uma impreſſão n'eſſe anno.*» (15)

Apeſar de reconhecermos a provada competencia do illuſtre inveſtigador, não podêmos deixar de deſcordar d'elle neſte ponto, pelas raſões adiante expoſtas, fazendo todavia inteira juſtiça ao reconhecido merecimento do ſeu trabalho, que é um dos mais notaveis que ſobre o aſſumpto ſe tem feito.

Numa publicação recente, o *Manual bibliographico portuguez*, Porto, 1878, renova-ſe a affirmativa da existencia das duas edições dos *Luſiadas* de 1572. «Ha segunda edição com a meſma data, e feita no meſmo anno, re-

---

(14) *Relatorio acerca da Bibliotheca nacional de Liſboa* por Joſé Feliciano de Caſtilho Barreto e Noronha, vol. IV, pag. 11 (Liſboa 1845)

(15) *Archivo pittoreſco* vol. IV pag. 192. O artigo não eſtá aſſignado, mas é da penna do illuſtre academico, Antonio da Silva Tullio. Vej. *Dicc. Bibliogr.* vol. VIII pag. 308.

viſta pelo auctor» ([16]) Em quanto á reviſão da 2.ª edição, reſpondêra já em 1861 o sr. Silva Tullio no *Archivo pittoreſco* vol. IV pag. 192. «E ainda mais, como houve quem julgaſſe que o poeta tinha reviſto provas da chamada ſegunda edição, que tem quaſi os meſmos erros da havida pela primeira?»

O que temos, porém, como certo, é que, com a data de 1572, exiſtem duas edições dos *Luſiadas,* mas ſó duas, e perfeitamente diſtinctas entre ſi.

---

(16) Ricardo Pinto de Mattos, op. cit., pag. 89. No artigo referente a Camões ainda o sr. Mattos diz que o poeta naſcêra em 1525 e fallecêra em 1579, quando deſde 1860 eſtava averiguado que Camões naſcêra em 1524 e morrêra em 1580. Veja-se ed. Juromenha, vol. I. (Liſboa 1860) pag. 9 e 29: *Dicc. Bibliogr.* vol. v. (Liſboa 1860) pag. 239.

III

As edições dos *Lusiadas*, com data de 1572, comquanto sejam de formato igual, com rostos ambos mettidos em portadas de madeira, apparentemente identicas, ambas tenham o mesmo numero de folhas, ambas sejam impressas em *grifo*, e ambas mal impressas, ([17]) não deixam de ser differentes.

E dizemos *ambas* porque com data de 1572 não conhecemos mais do que duas edições bem caracterisadas.

As differenças que porventura se possam encontrar em exemplares similhantes provém de se terem baralhado qua-

---

([17]) Na data da publicação da primeira edição dos *Lusiadas* havia em Lisboa apenas 4 impressores, João de Barreira, Francisco Correa, Marcos Borges e Antonio Gonsalves, impressor do poema: o mais nitido d'elles todos era o Corrêa; as edições dos dois ultimos, e que temos visto, são notavelmente imperfeitas.

dernos, ou mesmo folhas, dos dois exemplares, ou mesmo de se haver entresachado em exemplares incompletos quaesquer folhas de edições posteriores e parecidas. Por esta forma, duas edições podem parecer tres ou quatro, e mais até, por não conferirem exactissimamente em todas as suas folhas, comquanto apparentem um todo commum.

Com as edições gothicas das *Ordenações* dá-se o mesmo caso: temos visto exemplares com livros de edições diversas, mas formando um todo completo: mesmo a substituição das folhas de umas edições por outras não alterava o todo sendo as impressões imitativas, mas tornava os exemplares especiaes e diversos dos das suas datas caracteristicas, o que só se conhece descendo-se a analyse minuciosa.

Com os exemplares dos *Lusiadas*, datados de 1572, deveria dar-se fatalmente a mesma cousa; com o correr dos tempos foram rareando os exemplares; alguns encontraram-nos falhos, e foram-nos completando com restos de exemplares parecidos; umas vezes, por ignorancia, outras de má fé mesmo, para apresentar no mercado um exemplar completo, que de obra rara tem sempre mais valor de que outro com folha ou folhas de menos. Os que lidam com livros de sobejo conhecem a especie.

Depois, é naturalissimo que a procura dos exemplares das primeiras edições dos *Lusiadas* só viesse muito depois da publicação, justamente quando os exemplares se tinham uns desencaminhado, outros mutilado: haja vista aos exemplares conhecidos, que alem de serem poucos, são pouquissimos os perfeitos e completos.

Como se sabe, as edições ditas de 1572 são in-4.º, de 2 folhas innumeradas, 186 numeradas no recto, caracteres italicos. O rosto mettido em portada de madeira, composta de plintho, duas columnas canelladas na metade inferior, com capacetes ao meio, e superiormente um entablamen-

to com dois golfinhos e no centro um pelicano: defenho mediocre e gravura idem.

Eftas fão as indicações geraes das duas edições, que fe parecem mas não fão iguaes, e muito menos uma fó modificada durante a impreffão.

O morgado de Matheus, na fua grandiofa edição de Paris, 1817, no fupplemento á nota primeira (pag. 415) differença as duas edições logo pelo rofto, e chamando a uma *primeira*, e a outra *fegunda*, diz: «Na *primeira* a *Tarja* he hum tanto mais *larga*, e menos alta que a *fegunda:* o Pelicano que tem em cima vê-fe na *primeira* com o collo voltado á noffa direita, em quanto que na *fegunda* he voltado á efquerda: os filetes das columnas descem na *primeira* da direita para a efquerda, e *vice-verfa* na *fegunda:* os typos defte frontifpicio fão naquella maiores do que nefta.»

E eftão perfeitamente caracterifadas as duas edições pelo rofto; conhece-fe que fão diftinctas; mas não é fó por iffo; pela analyfe typographica dos exemplares chega-fe á convicção que fão edições diftinctiffimas.

Seguindo a ordem numeral do morgado de Matheus vê-fe que na *primeira* o alvará de privilegio contém trinta e quatro linhas e a data está efcripta por extenfo—*vinte e quatro dias do mez de fetembro*—(18) e na outra trinta e tres linhas e a data em caracteres romanos — xxiiij *de*

---

(18) O sr. Vifconde de Juromenha, reproduzindo o alvará de privilegio, a pag. 168, vol. 1, da fua edição, designa a data de xxiii dias, o que é manifeftamente equivoco. Diz tambem que o alvará é o da *primeira* edição, mas não conferva a orthographia do original, e a data efcreve-a em numeração romana xxiii (aliás xxiiij) quando na edição original eftá por extenfo *vinte e quatro*, como depois diz no vol. vi pag. 181.

ſetembro — as linhas deixam de ſer identicas na partição deſde a vigeſima ſegunda em diante.

A paginação é igual, mas não é igual o ôlho do typo; numa, nos *ſt* ligados o *ſ* não excede o ôlho da letra; na outra, o *ſ* tem a fórma do *f* ſem traveſſão; numa os *CC* verſaes deſcem abaixo do ôlho da letra, contornando interiormente a letra que se lhe ſegue; na outra os *CC* terminam na linha inferior do ôlho da letra; alem d'iſſo, os reclames não eſtão juſtamente em pontos iguaes nas duas edições, bem como ambas ſão differentemente eſpacejadas em mais de em um ponto.

A orthographia, comquanto pouco uniforme em ambas, é tambem diverſa entre as duas edições; na *primeira,* as terminações dos verbos acabam em *am*, na outra em *ão.*

Alem d'iſſo, ha differenças que bem caracteriſam as duas edições, como por exemplo o ſegundo verſo da eſtancia 56 do canto IX, que na *primeira* se lê:

«Filho de *Maria* á terra, porque tenho»

e na *segunda*

«Filho de *Maya* etc.

Nas duas edições existe igualmente differenças de palavras, que as fazem diſtinguir, e erros que não ſão communs a ambas. A liſta d'eſtas differenças ſería longa. Quem mais por miudo quizer certificar-se do caso, póde consultar a edição do morgado de Matheus e o *Exame* de Trigoſo, que ambos larga e copioſamente tractam do aſſumpto, e mais amplamente, as *differenças orthographicas*, na edição Juromenha, vol. VI (Liſboa 1870), pag. 483 a 519.

O que é certo, é que da meſma fôrma não podiam

ter ſahido as duas edições, que ſão deſſimilhantes, não ſó ſob o ponto de viſta litterario, mas typographico.

Temos pois que ha duas edições, datadas ambas de 1572, e que uma é a reproducção da outra, mais ou menos fiel, mas reproducção que ſe pretende confundir com o original. Que ambas ſejam impreſſas no meſmo anno, e pelo meſmo impreſſor ha raſões de ſobejo para não ter como certo. O impreſſor era pouco deligente; (19) no mesmo anno de 72 publicava ainda outra obra, a *Primeira parte do compẽdio da chronica do Carmo,* folio, de 242 pag., e não é de preſumir que ſe affoitaſſe á reproducção de um livro que parece não foi grandemente conſiderado; pelo menos, o ſilencio dos contemporaneos, e a tença de trinta e ſete cruzados e meio dada ao auctor, não auctoriſam a crer que a obra foſſe muito gracioſamente recebida pela côrte, e tambem pelo público, no qual naturalmente ſe reflectiria a preferencia, ſe a houveſſe, do joven monarcha, que por então mais praſer lhe cauſava a notícia da matança de S. Barthèlemi, feſtejada com luminarias, ou

---

(19) O periodo de actividade de Antonio Gonſalves abrange apenas 8 annos, de 1568 a 1576, e d'elle conhecemos as ſeguintes impreſſões:

1568 — 2 livros.
1569 — 1 livro e 2 folhetos.
1570 — 1 livro.
1571 — 2 livros.
1572 — 2 livros.
1573 — 2 livros.
1574 — 2 livros.
1575 — 1 livro e 1 folheto.
1576 — 1 livro.

} total, 14 livros e 3 folhetos.

a crepitação dos cadaveres num auto da fé, [20] do que a leitura de um poema que ſe entretinha com fabulas mythologicas.

Alem d'isso, havia dois annos apenas que tinha terminado a peſte grande, que, no dizer de um contemporaneo, se acaſo não exagera, victimára mais de 50.000 pesſoas [21] e não seria portanto muito azada a occasião para largos emprehendimentos litterarios.

A producção do livro foi neste anno muito reſtricta; apenas ſete edições sahiram dos prelos dos quatro impresſores exiſtentes, e obra litteraria só o poema. Pois justamente quando os ſobreviventes de um grande flagello acabavam de deſpir o luto, poderiam prestar attenção, e con-

---

(20) «Chegou eſta noticia (a da carnificina succedida em Paris a 24 de agoſto de 1572) a Liſboa a 6 de ſetembro... Recebeo-a El Rey com grande alvoroço e summo goſto de toda a Corte; feſtejou-se com luminarias, e repiques de sinos de toda a Cidade e outras demonſtraçoens de alegria; e na ſegunda feira logo ſeguinte.... se fez huma solemne Prociſſão de Graças a Deos.»—Bayão—*Portugal cuidadoſo e laſtimado*, pag. 271.

«...ſoy El Rey para Evora, aonde entrou no ultimo dia de outubro de 1572, eſteve naquella Cidade até dous de Janeyro do anno ſeguinte, e no meyo tempo vio um Auto da Fé, de que fazem eſpecial lembrança as memorias coetaneas; porque queimarão deſoito reos naquelles principios da Inquiſição; caſo novo; e entre os mortos forão quatro Chriſtãos novos.»—Fr. Manoel dos Santos—*Hiſtoria Sebaſtica*, pag. 278.

(21) «Ouvi ao pregador de dentro (em S. Domingos) que foi fr. João da Silva, que nas mais das covas se botavam quarenta, cincoenta defuntos, e que passaram de cincoenta mil almas os fallecidos do mal». Excerpto de uma memoria coeva—J. Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, vol. II pag. 167.

ſumir uma edição de verſos, embora tractaſſem de *feitos nunca feitos?*

Depois, o poema, affaſtava-se, na fórma e na linguagem, do periodo em que era publicado: o auctor introduzia palavras novas, que os Caminhas, os Bernardes, e outros, contemporaneos, e hoje pouco menos que eſquecidos, mais bafejados pela fortuna mas de inferior concepção, de mau grado acceitavam; revoltavam-ſe contra a nacionaliſação dos termos novos, contra os neologismos que mal preſumiam viriam opulentar a lingua, e adoradores de Ferreira e Sá de Miranda, ſublevaram-ſe contra o revolucionario que abria novos horizontes á lingua patria.

Eſta guerra litteraria havia de naturalmente influenciar ſobre a acceitação dos *Lusiadas*, tornal-os obra pouco acceitavel, e menos digna de leitura. Neſtas circumſtancias, alem das ponderadas, não ſe podia ter feito, nem fez, mais do que uma edição em 1572.

Faria e Souza, no *Jvizio del poema* (col. 69-70) apreſenta uma liſta de 120 palavras introduzidas novamente pelo poeta nos *Luſiadas*, antecedendo a relação do seguinte. «De confundir con otros terminos la oracion, i la ſentencia, o concepto, huyò nuestro P. tan cuidadoso, que no ſe alle en el coſa deſſe genero... Todas las palabras que usò en todo este poema, que *entonces* ſe podiam llamar peregrinas, son estas...»

As palavras novamente introduzidas ſão em geral adjectivos latinos acomodados á indole da lingua, hoje correntes, e que não se póde dizer eram estranhas em tempo de Faria e Souza, isto é, 67 annos depois da publicação dos *Luziadas*. Haja vista ao *entonces* do commentador.

Em quanto ás rivalidades de Diogo Bernardes e Pero d'Andrade Caminha ha ſobejas provas que as juſtifiquem.

Bernardes, nos verſos da carta IIII, «A dom Ioão de Castello Branco estando fronteiro em Ceyta» fol. 78 ỿ. (Liſboa 1596) onde diz:

«—Trate quem mais quizer feytos alhéos,
Diga mal, diga bem, fale á vontade,
Vse *palauras nouas*, nouos méos.

Não cure de razão, nem de verdade
Em tudo contentando á vulgar gente
Enchendo peitos vãos de vaydade».

refere-ſe inconteſtavelmente a Camões.

Na carta VII, a Pero de Lemos (fol. 85 e seguintes) referindo-ſe a differentes litteratos que tiveram trato com as musas

«Se pretendes louuar os claros lumes
Da Muſa Portugueza, doce, & branda,
Que d'Amor tem eſcrito altos volumes;»

omitte o nome de Camões, individualiſando porém a Sá de Miranda, a um Sá de Menezes, ao «noſſo Ferreira» (Antonio Ferreira), os dous Andradres (Franciſco, e Diogo de Paiva), Caſtilho (Antonio de), Jorge (?) da Silva, um Silveira e o Portugal (D. Manoel).

Pedro d'Andrade Caminha, no seu epigramma CXLV *contra um poeta* (*Poeſias*, Lisboa 1791, pag. 352) allude incontestavelmente a Camões e ao primeiro verſo da oitava V do canto I dos *Luziadas*.

«Dai-me uma *furia* grande e sonoroſa»

quando efcreve:

> «Dizes que o bom poeta hade ter *furia*,
> Se não hade ter mais és bom poeta;
> Mas fe o poeta hade ter mais do que *furia*
> Tu não tens mais do que *furia* de poeta.»

Furiofo deveria eftar Caminha quando efcreveu ifto!
Antecedem a efte epigramma outros, defde o CXL, que começa:

> «Cançado, mau poeta, me deixafte
> Dos verfos que te ouvi, fecos e duros»

e continuam os epigrammas *ao mesmo* até o CXLVIII.

IV

Qual foi porém das duas edições dos *Lusiadas*, datadas de 1572, a primeira e qual a melhor? Faria e Souza nos feus vaftos commentarios [22], tractando da eftancia XXI do canto IX, diz que na edição original de que fe fervira «en la primera impreffion defte Poema, a la qual yo llamo *original*» encontrára differentes erros, os quaes emendou, e fão, entre outros, os feguintes, conforme a nota que elle dá:

---

[22] A edição dos *Lusiadas*, commentados por Manoel de Faria, publicada em Madrid em 1639, em fol., 4 vol., comprehende, alem do—Prologo—Elogio—Vida del poeta—Ivífio del Poema—Addiciones—Lecciones varias—Tabla de los autores—Tabla de las mas das cofas que fe tocan en el Poema=2238 columnas; o poema tem 1102 oitavas, o que dá portanto duas columnas por oitava.

			erros	*emendas*
Canto	II oit.	56	Maria	Maia
»	VIII »	32	Capitam	Cipiam

Ora a edição em que ſe encontram eſtes erros é a dita *primeira*, iſto é, a que tem o pelicano com o colo voltado á direita do leitor: dá-ſe porém a ſingularidade de eſtas emendas de Faria e Souſa coincidirem exaćtamente com a lição da outra edição, e que parece o commentador não vio, por quanto a ella ſe não refere, como depois fez na ſegunda *vida* publicada com as *Rimas*.

Accidentalmente ſeja-nos licito um parenthesis. Faria e Souza, nos *Comentarios* aos *Luziadas*, na vida do poeta diz: «Sirviendo en Africa, como no tenia nada de cobarde... exponia-ſe a los peligros; i sacó por teſtimonio deſto el sacarſele el ojo *derecho* con una centella, o ascua reſurtida de un cañon encendido, i disparado de los Moros en el Eſtrecho de Gibraltar» Nas *Advertencias*, referindo-ſe á authenticidade das eſtampas que ornam a obra, diz-nos, em o § XI «De las eſtampas que van aqui se holgaran, sin duda, los curioſos de entender el credito que tienen, i de donde salieron. El retrato del P. (Poeta) se sacò bien parecido a otro que era original, mandado hazer por su amigo el Lic. Manoel Correa, al tiempo que se tratavã en Liſboa, que es de creer seria despues que vino de la India» Mas apezar da authenticidade, e da declaração formal de que o poeta era cego do ôlho direito, no retrato em buſto apreſenta Camões cego do ôlho esquerdo.

O retrato apreſentado na edição de Faria e Souza (1639) é uma má cópia, invertida, do que vem nos *Discursos varios* (1624) de Severim de Faria, á excepção do *meio corpo*, que foi reduzido a *busto*. De Severim de Faria se tem, ao que parece, copiado os ulteriores retratos. Na edi-

ção de Ignacio Garcez Ferreira, Napoles 1731, tambem cegaram Camões do ôlho esquerdo.

Na explendida, (23) mas só explendida, edição dos *Luziadas* de Paris 1817, no fim da *Advertencia,* ha uma eſtampa, dita a gruta de Macau, onde se vê o poeta, de corpo inteiro, em acto de inſpirar-se; ahi tambem Camões eſtá cego do ôlho eſquerdo, isto apezar do cuidado com que se fez a edição, tendo até sido encarregado mr. Gerard «famoso pintor» de dirigir os deſenhadores e gravadores das estampas, como nos diz o enthusiasta editor a pag. XLVII da sua *Advertencia.*

(23) Esta rica edição, cuja tiragem foi de 210 exemplares, custou ao benemerito editor a quantia de 51.152 francos 4 centesimos, ou 243, fr. 58 cent. cada exemplar, que ao cambio de 5,5 fr. por 1$000 reis, representa 44$287 réis, e em moeda actual 55$964 réis. A impressão durou 17 mezes. Vej. a desenvolvida «Conta da despeza que fez com a edição de Camões D. José Maria de Souza» na ed. Juromenha vol. I pag. 378. O magnanimo editor não consentiu que se vendesse exemplar algum d'esta edição, distribuindo em sua vida por differentes pessoas e bibliothecas 180 exemplares, sendo:

Para o Brazil	11
» Portugal	66
» França	22
» Inglaterra	28
» Italia	13
» Hespanha	5
» Norte	30
» a America	2
» a Azia	2
» mr. Millié, traductor dos *Luziadas*	1
	180

Ibi. pag. 379-381. Ahi se encontram individualisadas as pessoas e bibliothecas ou livrarias que foram presenteadas.

Continuemos porém.

Além das emendas citadas, Faria e Souza tomou a liberdade de emendar mais, dando ou deixando de dar a caufal da suppofta correcção; e, diga-fe de paffagem, com a mira de mais realçar o poema, que tantiffimas canceiras lhe cuftou para commentar, como elle nos diz, no paragrapho x da sua *Advertencia*:—«Los que no fe agradaren deftos Comentarios, juzgandolos por menores de lo que merece el P. antes deven laftimarfe, que laftimarme: confiderãdo, que efta maquina me llevò lo màs, i mejor de los mejores 25. años de mi vida; i que para ponerle en efte eftado despendi màs de 400 efcudos en libros, i diligencias que no avia menester para otra cofa, i en ayuda de cofta para animar al librero que le haze imprimir, i en los adornos de las eftampas que lleva: *que todo para mi pobreza* es un teforo.»

O celebre verfo 6.º da eftancia XXI do canto IX efcreveu-o Faria e Souza:

«da mãy primeyra co'o terreno seyo;»

contra a opinião de Manoel Correa, que a Faria mereceu efta cenfura nos commentarios a efta oitava (vol. IV fol. 30) «Lo primero, pues, que embaraça el entendimiento, es (dizen) efta palabra *mãy*: i por iffo la quitan:... Vno fuè el licenciado Manoel Correa, que curando a nueftro P. de mal de madre, se la quita, por quitarfe de trabajos, en su llamado comento; i nos quiere tapar la boca con meternos en cabeça, que affi lo oyò al proprio Poeta; *desculpando con aver oìdo mal no aver vifto bien*» e na col. feguinte, concordando plenamente com a emenda, acrescenta: «Yo no sè quien lo hizo, però sè que efta bien hecho» opinião que teem feguido outros.

Como ſe vê, Faria e Souza não ſeguiu abertamente a edição de que ſe ſerviu.

João Franco Barreto ſeguiu pouco mais ou menos a chamada *ſegunda* edição, com alterações pouco sensiveis, emendando porém o celebrado sexto verſo da oitava 21 do canto IX da ſeguinte fórma:

«Cõ a primeira do terreno seyo»

O que não corresponde, nem á correcção adoptada por Faria e Souza, nem á lição de ambas as edições ditas de 1572, não dando aliás explicação nem justificando a emenda. (24)

Barreto ſó nos diz, tractando da edição:

«Ioão Franco Barreto ao Leitor—Sabendo eu q̃. os Luſiadas do noſſo Poeta, & mayor dos de Eſpanha (ſegũdo bõs juizos) na poeſia heroica, eſtaua para ſe dar à impreſſaõ, ſegunda vez (25) neſta letra pequena, que com razaõ ſe deue chamar ſua, pois ſó para elle ſe mandou vir de fóra a eſte Reino: mouido da curioſidade & affeição que ſempre a ſeus verſos tiue, tomey por empreſa (vendo os vicios com que taõ corrupto andaua, que ainda homẽs praticos tinhaõ, & ſuſtentauaõ por de ſeu Autor, bem contra o que a ſeu credito, & nome ſe deuia) aſſiſtir â emenda cõ mayor cuidado do que minhas occupaçoẽs o permittiaõ: pelo que me parece que sairà mais apurado, do que ategora: & porque nam foſſe sem louuor, de quem he taõ ſeu

(24) Segue-ſe eſta variante noutras edições poſteriores, conformes no texto á de Franco Barreto e que trazem o ſeu nome, bem como na de Paris 1759, *á cuſta* de Pedro Gendron.

(25) Refere-ſe á edição de 1626, Liſboa, por Pedro Craesbeek.

apaixonado, lhe fiz por no principio efta emprefa, ([26]) tirada do difcurfo da fua vida, que foy como elle mefmo diz: Nũa mão fempre a efpada, & noutra a pena: Aceita minha vontade, & goza do melhor Poeta de noffos tempos, de maneira, que fe nelle fe vio outro Homero, em ti fe veja outro Alexandre. Vale.» ([27])

Á excepção da emenda capital do queftionado verfo da estancia IX, Franco Barreto segue a denominada *segunda* edição, confervando a particula conjunctiva *E* no principio do 7.º verfo da 1.ª oitava do canto I ([28])

«*E* entre gente remota edificarão»

bem como as palavras que caracterisam a edição de 1572 tida por mais correcta, por exemplo, no canto III oitava XXXIV *batalha* cruel, em logar de *trabalho* cruel; no canto VII, Do *rico* Tejo em vez de *rio* Tejo, etc.

O padre Garcez ([29]) segue em geral a Faria e Souza; «Para a eleição das licções me regulei pela Edição de Manoel de Faria e Souza, por me parecer, que este Autor

---

([26]) Refere-fe á gravura, pofta no rofto da edição, e confta de uma efpada e uma pena cruzadas, com o mote *Simvl in vnvun.*

([27]) Edição de Lifboa 1631, in-12.º (quadernos de 24 pag.)—4—140 folh. O titulo exacto do rofto é: «Os Lvfiadas de Lvys de Camões—Cõ todas as licẽças neceffarias—Em Lifboa Por Pedro Crasbeeck Impreffor del Rey. An. 1631.» Nefta edição não fe encontram os *Argumentos* que fe veem em outras pofteriores, e fe atribuem a Franco Barreto, fem fundamento, fegundo notou o sr. Vifconde de Juromenha.

([28]) O que aliás se não seguiu em edições posteriores das que trazem o seu nome.

([29]) Luziada — poema epico de Luiz de Camões... Illustrado com varias, e Breves notas... por Ignacio Garcez Ferreira, Napoles 1731—Roma, 1732—vol. I. p. 5.

foi nesta parte o mais deligente de quantos publicarão a Luziada; mas não em tal modo, que naquellas licções, em que duvidei, deixaſſe de confrontallas com as da Edição de Pedro de Mariz, (30) e se neſta achei cousa diversa, segui a que me pareceo mais adquada».

No 6.º verſo da oitava XXI do canto IX segue a Faria e Souza, contra a opinião de Manoel Correa.

«Da Maẽ primeira co terreno seio

Garcez não foi grande louvaminheiro do poeta; no seu extenso *Apparato*, que abrange 131 paginas (de folio peq.) embica até com o titulo do poema, como se vê nos cap. I., e XVII «Do Titulo do poema Epico: e do que elegeo Camões para o seu Poema; e impropriedade d'elle.» —No dizer de um biographo moderno, Garcez foi entre nós o precurſor do padre José Agostinho «O commentador moſtra alguma severidade na critica, apresenta comtudo erudição; o padre José Agostinho de Macedo se serviu muito do trabalho de Garcez para a censura dos *Luziadas*». (31)

A edição de Garcez não reproduz, portanto, nenhuma das ditas *primeiras*.

O padre Thomaz José d'Aquino segue egualmente a Faria e Souza, conforme o declara no *Discurso preliminar* pag. X tomo I (Lisboa 1779) «Por todas estas razões preferimos os exemplares da Edição de Manoel de Faria

---

(30) É a edição de 1613, commentada por Manoel Correa, e onde Pedro de Mariz escreveu uma breve notícia, que occupa apenas 5 paginas e meia.

(31) Ed. Juromenha, vol. I pag. 356.

e Souza, não só como mais certos, senão tambem como mais bem ordenados, e por elle regulamos esta noſſa».

Nas *Lições varias*, a propoſito do 6.º verſo da oitava XXI canto IX, diz: «Na primeira Edição, que foi em 1572, se lê *Da primeira co'o terreno seio.*» (32) Na segunda, feita no meſmo anno: *Da mãe primeira co'o terreno seio*» o que não é exacto, e já notou Trigoso no seu *Exame critico;* e Innocencio, *Dicc. Bibliogr.* vol. v, pag. 268. Em ambas as edições, ditas de 1572, se lê «*Da primeyra.*»

Na edição portugueza de 1597, e não só desde a de 1609, como diz Innocencio, apparece porém já eſte verſo eſcripto pela seguinte forma:

---

(32) Seguindo a edição do padre Garcez publicou-se outra, dos *Luziadas* (em Berlim, 1808?) com a *vida do poeta* copiada da do mesmo Garcez, e as *lições varias* de Thomaz de Aquino. É uma edição singular pela advertencia ou prologo, escripto numa linguagem estrangeirada, e assignado por *C. d. Winterfeld.* Principía assim: «Aos leitores.—Presentamos a nossos leitores esta ediçaõ do poema immortal de Camoēs, naõ sem receo de serem julgados por mais atrevidos que sabios, commettendo uma tal empressa em terra estrangeira, onde por falta de sufficientes medios, por valientes que sejam os editores, cujo vanto arrogar-nos naõ pretendemos, naõ he possible de alcançar o grado de perfecçaõ que justamente pode desejar-se».

O titulo exacto do livro é o seguinte:

«Luziada de Luiz de Camoens. Accrescentam-se as estancias despresadas por o poeta, as lições varias e breves notas para a illustraçaõ do poema—Ediçaõ de I. E. Hitzig».

Não tem data, nome de impressor, nem designa o local da impressão. Antecede o rosto uma folha, em que se lê:

«Obras de Camoēs.—Tomo I.»

Ignorâmos se a edição se completou com as outras obras do poeta.

O livro é em 16.º, de XLVI—464 pag., e uma folha de erratas.

«Da mãy primeira co terreno seo

Dá-se porém a singularidade de Bento Caldeira, na sua traducção castelhana, Alcalá de Henares, 1580, escrever:

«De la primera madre con el seno.

Este celeberrimo verso levou Faria e Souza a escrever nada menos de sete columnas de commentarios!

José Gomes Monteiro, na *Carta ácerca da ilha dos amores,* Porto 1849, ainda tambem nos diz, em nota pag. 22, que a introducção da *mãe* só foi feita pela primeira vez em edição portugueza na de 1609, o que ainda se repete a pag. 82, na tabua das *Variantes que se encontram nas differentes Edições dos Lusiadas no verso 6.º da 8.ª 21.ª do canto 9.º*, feita pelo sr. Thomaz Norton, possuidor que foi de uma notavel camoneana, onde tambem se encontrava a edição de 1597 (n.º 6 do respectivo *Catalogo*, Porto, sem data, pag. 68) e lá o verso emendado segundo a lição de Benito Caldera.

V

O enthufiafta editor da famofa edição de Paris, 1817, apartando-fe do caminho feguido pela maioria dos editores antecedentes, não acceitou o texto de Faria e Souza, nem as correcções de Barreto Feio, nem de Garcez; o feu defejo foi reftabelecer a lição original, livre das deturpações efpalhadas por tantiffimas edições, que não eram já a cópia fiel do livro primitivo, «Não fe julgue, diz elle a pag. xxiv da *Advertencia*, que exagero a calamidade de que eftavamos ameaçados, e o mal que nos fizeram eftes editores. Confidere-fe que a edição de 1572 é hoje tão rara, que eu não tenho noticia de existirem em Portugal mais de cinco exemplares; (33) e nos

---

(33) Hoje são conhecidos maior numero de exemplares; no *Dicc. Bibliogr.* menciona-se a existencia de 6 da edição *princeps* e 9 da dita *fegunda*: alem d'estes, no Porto existem 2 exemplares da *pri-*

paizes eſtrangeiros todas as minhas deligencias não poderão deſcubrir senão eſte de Lord Holland. Aſſim ſe eſte raro numero de exemplares ſe perdeſſe, ou ſe os donos delles os não quizeſſem communicar, não haveria poſſibilidade de reſtaurar o texto. O mal já he tão grande que a maior parte das peſſoas hoje em dia ſó conhecem os LUSIADAS, pelas edições corrompidas, e muito corrompidas, dos ultimos annos.»

---

meira edição e 4 da *segunda*. A Bibliotheca d'esta cidade não possue nenhuma d'estas edições, nem das de 1584 e 1591!

Numa nota do *Exame* de Trigoso lê-se o seguinte: «A mais celebre d'estes exemplares com annotações he o que ainda hoje se conserva na livraria do Mosteiro de S. Bento da Saude, a qual he tradição que fora do uso do mesmo Poeta. Este exemplar (que he da segunda Edição de 1572) está bastante maltratado e falto de folhas: em baixo da que contem o Privilegio está escrito em huma linha com letra daquelle tempo: *Luiz de Camões seu dono.*»

Este exemplar não existe hoje no reino, segundo se vê da *Memoria sobre a edição de 1572, que pertenceu ao convento de S. Bento da Saude de Lisboa e hoje está em poder de sua magestade o imperador do Brazil,* ms. do sr. José Feliciano de Castilho. Vej. Edição Juromenha, vol. 1 pag. 406. A proposito d'este exemplar, diz o sr. Innocencio, *Dicc. Bibliogr.* vol. III pag. 330, no artigo referente a fr. João de S. Boaventura, monge benedictino, que em 1834 emigrou para o Brazil, o seguinte: «Ouvi que levara comsigo um exemplar da edição dos *Luziadas* de 1572 (isto é, do que se tem por segunda), pertencente ao mosteiro de S. Bento de Lisboa, o qual no Rio de Janeiro foi comprado annos depois por Sua Magestade Imperial, por alguns contos de reis, para fazer doação d'elle á Bibl. Publica d'aquella côrte, onde se conserva com grande estimação».

O livro, porém, não exiſte já na bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, nem meſmo outro exemplar de uma das edições datadas de 1572, e que pertencêra a Diogo Barboſa, cuja livraria, com os livros d'elrei D. João VI, paſſou para eſta bibliotheca. Veja-ſe os reſpectivos *Annaes*, vol. I faſciculo 2.º, do anno de 1876-77. Da actual *camoneana* d'eſta bibliotheca os exemplares mais antigos ſão,—n.º 1, *Rimas*, 1595; n.º 2, *Os Luſiadas*, 1597.

E, a pag. xxvi, declara mui pofitivamente qual foi a fua intenção ao reproduzir o poema: «O meu primeiro cuidado foi o de dar puro o texto original do Poema, expurgado das mudanças, com que o tinham viciado os fubfequentes editores, e restituido á edição *Princeps* de 1572, dada por Camões, impreffa debaixo dos feus olhos.» Acrescenta porém que emendou os erros de impreffão, oufando corrigir o texto original nalguns pontos que lhe pareceram errados «por negligencia dos impreffores, ou do revifor das provas.» (34)

Reftabelece o 3.º verso da oitava LIV do cant. II, conforme fe encontra nas ditas *primeiras* edições.

«Levando o Idololatra, e o Mouro Prefo

(34) Não nos parece plausivel que entre nós, e no seculo XVI, os auctores fossem os revisores das suas obras, mas sim os impressores, ou porventura individuos dedicados a essa especialidade, como no mesmo seculo succedia em França; lembra-nos até um edito de Francisco I (31 de agosto de 1539) no qual se determinava que, quando os impressores não fossem sufficientemente letrados para rever os livros que imprimiffem, mantiveffem correctores para effe effeito. Ainda em tempo de Luiz XIV (agofto de 1686) fe renovou effa determinação.

Entre nós, hoje mefmo, nem todos os auctores reveem as provas dos feus efcriptos, nem o fabem fazer, falvo na imprenfa periodica, onde o auctor eftá em contacto com o compofitor; ainda affim, no geral das imprenfas ha revifores.

Mais acrefcentaremos que no feculo XVI, e depois ainda, o manufcripto, completo, tinha de tranfitar pela censura, e fó depois ia para a imprenfa. O compofitor fó tinha a feguir o original, onde fe não podia, ou não devia, fazer alterações. O auctor nefte cafo nada tinha que modificar, competindo ao compofitor, ou *impreffor* como então fe dizia, de fazer as correcções tão fómente dos *erros de caixa*.

Reproduz tambem das ditas edições o celeberrimo verſo do canto IX

«Da primeira co torreno ſeio

queixando-se de Lyra, de João Franco Barreto, de Manoel de Faria, e do padre Thomaz de Aquino, que julgando o verſo errado «mudaram-no ſem piedade» reforçando a Manoel Correa, a quem reconhece por homem letrado e de boa fé.

Segue a chamada edição *princeps* em variantes de pouca monta, como por exemplo

Canto I oit. 22—*Começaram* a ſeguir a ſua longa rota —em logar de *Tornárão*—dita 2.ª ed.

Canto II—Quando as *fingidas* gentes ſe chegaram— em logar de *infidas*

Canto IV—Como já o *forte* Huno o foi primeiro—em ſubſtituição de *fero*

e outras, de nimia importancia; mas adopta da chamada *ſegunda* edição algumas modificações importantes, como por exemplo:

Canto II, oit. LVI—Filho de *Maia* á terra, porque tinha—em ſubſtituição do correspondente na edição dita *princeps*—de *Maria*

Canto III oit. 31—Em *batalha* cruel o peito humano— que na outra edição se lê—*trabalho*

Canto VIII oit. 32—Portuguez *Scipião* chamar-se deve—em logar de *capitão,* que ſe lê na edição dita ſegunda.

E note-ſe que juſtamente eſtas tres variantes ſe encontram em Faria e Souza, que tão feias palavras lhe merece.

Alem d'estes, noutros pontos ſeguiu o morgado de Matheus a denominada *ſegunda* edição; veja-ſe a eſſe res-

peito a edição de Freire de Carvalho, Lisboa 1843, onde a pag. 365 se encontra uma «Tabella IV dos trese versos da reputada segunda edição de 1572, dos quaes o Morgado de Matheus se aproveitou, transferindo outras tantas correcções para a sua edição.»

D'esta famosissima edição, que não é absolutamente cópia fiel da dita *princeps,* mas que é incontestavelmente, sob o ponto de vista typographico, um monumento a Camões, teem-se feito reproducções, e muitas, em Lisboa, em Paris, etc.; não obstante isso, e dos bons desejos do inclito editor, a edição não tem passado incolume aos apodos da crítica. Na edição de Hamburgo, 1834 vol. I, prologo, pag. XI, lê-se:

«Mas de todos os editores nenhum, em nossa opinião, fez maior injúria ao nosso poeta, que Dom José Maria de Sousa. Na magnifica edição que este Snr. mandou fazer em Paris... deixando-se levar da sua cega preoccupação a favor da primeira edição, não só reproduziu os mais dos erros, que na segunda se havião emendado...» e a pag. III «regeitando a primeira de 1572, preferida pelo Snr. Souza, adoptaremos a *segunda* do mesmo anno, como a menos *viciosa.*»

Seja como for, a edição de Paris, 1817, não é uma reproducção completa da chamada *primeira* de 1572, comquanto a siga no geral; mas distingue perfeitamente as duas edições, designando por *primeira* a que tem no rosto o pelicano com o colo voltado a direita.

O academico Trigoso tambem é d'esta opinião, segundo se vê do seu *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusiadas*, publicado como se sabe no vol. VIII p. II da *Hist. e memorias acad.*, Lisboa, 1823. Diz elle, pag. 173:

«... nada ha mais ordinario do que emendarem-se

em uma ſegunda edição os erros em que ſe tem cahido na primeira; aproveitarem-ſe os autores das criticas que lhe fizerão, e melhorarem por meio destas a sua obra: aſſim quando são elles os que fazem uma e outra edição, quaſi que póde haver certeza de que a ultima é preferivel. Guiados por eſtes principios he que ſobretudo nos perſuadimos de que a Edição a que Manoel de Faria, o Padre Thomás, e o Senhor D. José Maria de Souſa chamarão primeira realmente o he, porque a achamos baſtante inferior á outra.»

De paſſagem notaremos que, na chamada *ſegunda* edição, não ſão taes e tantas as correcções, comparada com a denominada *princeps,* que iſſo ſe poſſa attribuir aos resultados da *critica.*

VI

Na edição de Hamburgo, em tres vol., comprehendendo as *obras completas* de Camões, «correctas e emendadas pelo cuidado e deligencia de J(osé V(ictorino Barreto Feio e J(osé) G(omes Monteiro», segue-se effectivamente a alcunhada *segunda* edição, conforme se diz no prologo, e se repete nas notas (pag. 388) onde até se designa o exemplar de que se serviram.

«Na 2.ª por estarem as letras apagadas no ex. da bibliotheca de Paris, de que nos servimos.»

Não acceitam porém o verso 6.º da est. 21 do canto IX conforme se encontra até nas duas primeiras edições por ser *vicio manifesto,* substituindo-o pela lição adoptada por Faria e Souza

«Da mãe primeira co'o terreno seio

e terminam a nota: «Suftentou portanto Manoel Correa a maior das falfidades, e cometteo o Morgado de Matheos o mais indifculpavel dos erros em defprefar a emenda feita e approvada por homens incomparavelmente mais doutos, fó por feguir ás cegas a authoridade deffas edições originaes, em tantos logares convencidas de infieis.»

Na eftancia I do canto I trafpõe-fe a conjuncção *E,* que exifte no principio do 7.º verfo na edição dita *princeps* para o principio de verfo 5.º, juftificando-fe em nota a tranfpofição, etc.

Efta edição é tida como correcta.

Em contrapofição á apreciação, aliás defabrida, feita na edição de Hamburgo, do commentador Manoel Correa, efcreve o sr. Francifco Freire de Carvalho na edição dos *Lufiadas,* Lifboa 1843, pag. 342, o feguinte, e em annotação ao celebrado verfo do canto IX, que nesta edição se lê:

«Da primeïra co'o terreno seio

«Advertiremos porêm, que não deixa de parecer-nos grandemente plaufivel a lição deste mefmo verso, adoptada por alguns editores.

«Da mãi primeira co'o terreno seio

«...Sem embargo d'ifto, não nos refolvemos a preterir a lição das primeiras edições; visto fer ella authenticada pelo teftemunho de um commentador coevo e amigo de Camões, e que affirma ter ouvido dizer ao Poeta fer efta a lição verdadeira: pois muito nos cuftaria a lançar fobre a reputação do Commentador citado a feia nota de falfario e mentirofo.»

Efta edição, precedida de uma *advertencia* critico-phi-

lologica, de *notas* e *variantes*, é, no dizer de Innocencio (vol. II pag. 380) «trabalho mui accurado, e feito com escrupulofa confciencia litteraria.»

A *advertencia*, na qual fe expõe qual feja a correcção do texto, começa:

«A presente edição dos Lufiadas, que, de todos quantos tem apparecido até hoje, ferá por ventura a, que reproduz o texto do Poema o mais conforme á pureza primitiva, em que fahio da penna do feu immortal Autor, leva *cento e oito* verfos corrigidos mais ou menos effencialmente, comparada com as anteriores dadas á luz em Lisboa pela typographia Rollandiana, em um volume em 16, as quaes fão copias quafi fieis da do Morgado de Matheus, impreffa em Paris no anno de 1817, e por confequencia da havida por primeira do anno de 1572.»

D'eftas 108 correcções 35 fão conformes ás que fe encontram na presumida fegunda edição, 18 que fão communs ás duas edições datadas de 1572, e as 55 reftantes correcções «pela maior parte leves, de erros manifeftos, que tem efcapado á critica, aliás fãa de muitos dos editores antecedentes, erros que não podendo fer attribuidos á grande fciencia, vafta erudição e extremado bom gôfto de Luiz de Camões, quaes reluzem em todo o feu Poema, entrarão nelle por incuria, talvez por ignorancia do copifta do manuscripto.» (35)

A pag. 366-367 encontra-fe uma Tabella, que é a v, «Das correcções, que talvêz conviria fazerem-se ainda nos Lufiadas.» São quarenta.

O verfo 7.º da eftancia I do canto I encontra-fe nefta edição efcripto conforme a appelidada *fegunda* de 1572.

---

(35) Op. citada, *Advertencia* p. x.

«E entre gente remota edificaram

Mas, em quanto a nós, o mais singular da edição, é a reſtauração do controvertido verſo do canto IX

«Da primeira co'o terreno seio

reſtituido ao poema depois das impugnações e diſcurſos varios de Faria e Souza, Ignacio Garcez, Thomaz de Aquino, Gomes Monteiro, *et reliquiæ*, acompanhando neſte paſſo ao morgado de Matheus, que por iſſo alcançou aſpera cenſura dos editores da edição de Hamburgo (1834).

Na recente edição das *Obras de Camões*, edição aliás curioſiſſima pelas eſpecies novas ou pouco menos que desconhecidas de que tracta, no vol. VI, (Liſboa, 1870) que comprehende os *Luſiadas,* diz o sr. Viſconde de Juromenha no *Prologo* pag. IX: «Sáe á luz n'eſte ſexto volume das obras do noſſo poeta o ſeu poema immortal dos *Luſiadas,* conforme a edição por elle publicada na ſua vida, iſto é, aquella que ſe reputa ſer a *ſegunda.*» e a pag. XII «A edição que ſeguimos é a *ſegunda* de 1572, porque nos pareceu de razão, havendo duas edições do meſmo anno, em vida do ſeu auctor, ſeguir a que ſe julga ſegunda, que em alguns pontos nos pareceu preferivel, acontecendo porém o contrario em outros, que eſtão melhorados na *primeira.*»

Em quanto a ſerem as duas edições feitas no meſmo anno já diſſemos o que nos pareceu conveniente para não acceitar a hypotheſe, e abſtemo-nos por agora de novas reflexões, por termos de voltar ao aſſumpto. Notaremos apenas que a edição adoptada foi a *ſegunda,* como à que pareceu mais regular, conſervando-ſe até a *E* no 7.º verso da primeira oitava do canto I:

«*E* entre gente remota edificaram

como fizeram Manoel Correa, Franco Barreto, e Freire de Carvalho.

O tantiſſimas vezes queſtionado verſo da eſtancia XXI do canto IX ſegue a lição das edições datadas de 1572

«Da primeïra co' o terreno ſeio

não obſtante os commentarios de Faria e Souza, Thomaz d'Aquino, e da edição de Hamburgo. Em a nota correspondente apenas diz, motivando a lição (pag. 542) «Aſſim trazem as duas primeir as edições de 1572, e aſſim diz Manoel Correa que fizera eſte verſo Luiz de Camões, e lh'o ouvira, e não como anda impreſſo:=*da may primeira*=; e por iſſo conſervamos a lição original.» E nota que a mudança foi introduzida pelo traductor Bento Caldeira na edição heſpanhola de 1580.

Eſta conciſão, ſe não involve unicamente reſpeito pela auctoridade das edições de 1572, é reſpoſta eloquente ao vaſto commentario de Faria e Souza, a Thomaz d'Aquino, e á nota correſpondente da edição de Hamburgo.

Effectivamente Manoel Correa, na ſua edição dos *Luſiadas,* Liſboa, 1613, traz o verſo pela forma que ſe encontra nas edições datadas de 1572

«Da primeyra co terreno ſeio

e no ſeu commento diz «Assi fez Luis de Camões eſte verso, & não como anda impreſſo: da mãy primeyra co terreno seyo: que foi acrecentamento da ſyllaba mãy, por

crerem que faltaua ao verſo o q̃ não he... *E assi o ouvi* a Luis de Camões.» ([36])

Não ha que duvidar da ſeriedade de Manoel Correa, que não tinha motivo, neste caso, para ſuſtentar uma falſidade, aliás vendo-ſe que no comment. á eſtancia 71 do canto IX, onde os verſos

> «De uma os cabellos de ouro o vento leva
> Correndo, e de outra as *fraldas* delicadas:
> Accende-ſe o deſejo, que ſe ceva
> Nas alvas *carnes* subito mostradas

são substituidos por est'outros

> «De hũa os cabellos de ouro o vento leua,
> Correndo, & de outra as *vestes* delicadas,
> Accende-ſe o deſejo que ſe ceva ([37])
> Nas aluas *partes* subito mostradas

e nos diz, commentando eſtas e ſeguintes eſtancias: « Eſte he o ſentido literal deſtas oɛ̃tauas: & neſte ſentido ficão ellas ſem nenhũa eſpecie de deſhoneſtidade, que alguns lhe quiſerão attribuyr: entendendo-as contra a intenção do Poeta, como me cõsta que elle o dizia, & aſſi como aqui estão impreſſos as tinha emendadas, por conſelho dos Religioſos de S. Domingos deſta cidade, com que tinha grande familiaridade.» Veja-se que neſta paſſagem apenas diz: *como me conſta,* o que revela inteira lealdade da parte do

---

([36]) Op. cit. fol. 243.

([37]) Na edição de 1613 lê-ſe *que ſe cerca,* mas é manifeſtamente êrro typographico, porque até ſe falta á rima.

commentador, não affirmando que *ouvira* o que apenas lhe *conſtava*, o que tambem diria a propoſito da supreſſão da *mãe* na eſtancia XXI ſe apenas lhe *conſtaſſe* e não tivesſe *ouvido*, como poſitivamente affirma.

Emquanto á ſubſtituição das *fraldas* por *veſtes*, e de *carnes* por *partes*, quer-nos parecer que não lucraram muito os pudicos ouvidos; e meſmo que aſſim foſſe, lá ficava ainda a oitava LXXXIII ſem reparo, apeſar do conſelho provavel dos auſteros dominicanos.

Seja como fôr, temos por certo que Manoel Correa eſcreveu lealmente, e ſe aſſim não foſſe, e ſe eſtiveſſe influenciado por qualquer motivo, elle, que acceitou *por lhe conſtar*, as emendas feitas pelo reparo dos frades de S. Domingos, que preferiram as *vestes* ás *fraldas*, de certo se não aproveitaria da amizade do amigo, fallecido já, para lhe attribuir poſitivamente a opinião que lhe não pertencia.

A edição dos *Luſiadas*, commentada por Manoel Corrêa, póde caracteriſar-ſe authentica em relação á edição *original*. Corrêa foi contemporaneo e amigo de Camões, com o poeta fallou relativamente ao poema, pelo poeta meſmo fôra convidado para lhe fazer annotações ao livro; iſto claramente nos diz Corrêa, e mais, que as annotações eſtavam feitas havia annos, *muytos annos*, antes de reſolver-ſe a publical-as, muito antes portanto de 1613, em que foram dadas á luz, sendo já por então fallecido o annotador. [38]

Eſſes *muytos annos* aproximam o commentador do

---

[38] Pedro de Mariz, na advertencia *Ao eſtudioſo da licção Poetica* na edição de 1613, diz, referindo-ſe a Manoel Corrêa:

«Outras muytas couſas dignas de eſtima, tinha eſte varão para imprimir em outras linguas, primeyro que eſte commento. Mas ſua *antecipada morte* desordenou tudo de maneyra, que padecendo cruel

commentado, e de certo Manoel Corrêa conhecia bem o original de que se serviu, porventura offerta do auctor, ou pelo menos de edição que o auctor não tinha por bastarda, na hypothese de haver mais de uma publicada durante a vida de Camões. Entre um e outro, entre o auctor, que pedira *com muita instancia* para ser commentado, e o commentador, que só mais tarde se aventurou á emprêsa, deveria existir a sobeja convivencia e amizade para que, nem o auctor se molestasse dos reparos ou annotações do amigo, nem o amigo se furtasse a commentarios quando o caso o pedisse.

D'aqui resulta que se entretiveram sobre o assumpto, que fallaram d'elle e nelle, e isto não se podia dar sem que Manoel Corrêa tivesse pleno conhecimento do livro de que fallava e de que lhe fallavam.

Ora a edição de Manoel Corrêa, salva a substituição de *vestes* por *fraldas* e de *partes* por *carnes*, no canto IX, motivada pelas causas por elle expostas, reproduz a chamada *segunda* edição, inclusive no setimo verso da primeira oitava do canto I, até com a mesma orthographia:

«*E* entre gente remota edificarão

Esta reproducção não foi, não podia ser, fortuita. Manoel Corrêa reproduziu o livro que conhecia, de que se servíra nas suas palestras litterarias com o auctor; reproduziu o livro conhecido de ambos.

---

naufragio, só esta faisca de suas obras sahio acima das aguas. Mas tão enuolta nellas, que quasi sosobrada de nouos perigos de sua inundação, lhe mandey acudir com hũa cortiça de algũs dobroẽs: perque o tribunal da Legacia a mandou rematar em almoeda, como espolios da See Apostolica.»

Entre o periodo da elaboração das annotações e a sua publicação mediaram annos—muitos annos—e a publicação deve-se á necessidade que Manoel Corrêa teve de resalvar a honra do amigo, [39] que desvairadas interpretações tinham deslustrado. «Hoje o faço (a publicação) sò por sayr pela honra de Luiz de Camões, que por esta sua obra não ser entendida de todos, he calumniada de muytos; & declarada de algũs.» diz elle no seu pequeno prologo ou introducção. Referir-se-hia Corrêa á edição de 1584, com as suas notas ás vezes bem pouco sensatas? referia de certo, e se assim não fosse, Corrêa careceria de motivos para *sahir pela honra* do amigo. A sua edição commentada é um protesto contra as interpretações injustas ou impertinentes, e como base d'esse protesto apresenta o texto genuino, o que elle conhece, e conheceu em vida do auctor.

Não falla em duas edições de 1572, apresenta a licção da *segunda,* sem se referir a outra, o que seria natural fizesse, dado o caso de ter conhecimento d'ella.

Os commentarios de Corrêa foram certamente feitos antes de 1584; e deu-se a esse trabalho sem intenção de o dar á imprensa, intenção que modificou desde que teve motivo para isso: o motivo parece ter sido a edição dos *pisco s.*

Ainda tambem ha a notar que, dada a hypòthese de em vida do poeta se ter feito nova edição correta do poe-

---

(39) A publicação não foi feita por Corrêa, mas por intervenção de Mariz que obteve por compra o ms; porém, o auctor auctorisára antecedentemente a Mariz a publicar-lhe o *commento,* como este mesmo diz no fim da advertencia «Fazendoo hora imprimir... Para o que o mesmo Commentador me tinha dado licença: sem a qual (pode ser) que lhe não metèra a mão em sua sementeyra».

ma, natural fôra que Manoel Corrêa o declaraſſe, o que aliás lhe cumpria para mais realçar o livro que lhe merecêra a canceira das annotações: ſe o não fez é que de certo não conheceu do livro ſenão a edição cujo texto reproduziu, e eſta ignorancia não ſe coaduna com a condição de amigo e contemporaneo do poeta.

VII

Desde 1572, anno da publicação da primeira edição dos *Lusiadas,* até 1584, em que se deu á estampa a edição dos *piscos* [40] medearam doze annos, periodo em que o reino soffreu formidaveis agitações.

O rei, dotado de um temperamento belicoso,—irrequieto, sonhando com a extirpação dos inimigos da fé,

---

(40) O nome veiu-lhe da extravagante nota feita ao segundo verso da oitava 65.ª do canto III

«E a piscosa Cizimbra, & juntamente

e que o annotador esclarece da fórma seguinte: «Chama piscosa, porque em certo tẽpo se ajunta ali grãde cãtidade de piscos para se passarẽ a Africa.»

aguilhoado pela fêde de conquiftas, fem efcutar confelhos nem acceitar alvedrio alheio, tinha por objectivo das fuas phantafiofas emprêzas a rendição das terras africanas, por onde, para enfaiar a mão, fe foi a fazer correrias, mal apresftado para ellas, e de onde regreffou «com mal afortunado successo» (41) e prefiftindo no intento, volta a Africa, preparado com infignias magesftaticas para fe coroar imperador, e chronifta para lhe efcrever as façanhas, terminando a fua aventurofa e desfaftrada carreira em Alcacer-kebir, onde com elle fe fobverteu a flôr da fidalguia do reino. (42)

A nobreza, antes do fatal emprehendimento, fe não ia mercadejar pelas conquiftas fob côr de mais exalçar o pavilhão nacional, foliava nos intervallos em que fe não edificava com predicas e prociffões; o povo inconsciente, era levado na onda dos acontecimentos.

As conquiftas eram o forvedouro da mocidade do reino, cuja população, em menos de um feculo, diminuiu a quarta parte. (43)

Os louros da victoria, alcançados no oriente á cufta

---

(41) Fr. Braz da Cruz, *Chron. de D. Sebaftião*, pag. 57.

(42) Bayão, no *Portugal cuidadofo*, livro v, cap. xxii, traz a relação de mais de 160 peffoas, nobres ou gradas, que pereceram na batalha, ou fe eftraviaram, mencionando entre ellas o duque d'Aveiro, os condes de Vimiofo, de Redondo, da Vidigueira, d'Alvito, de Odemira, os bifpos do Porto e de Coimbra, terminando por eftas palavras «e outros muitos cavalheiros e fenhores, que por abreviar não nomeyo.» Efte cap. correfponde ao lxx da *Chronica de D. Sebaftião*, de fr. Bernardo da Cruz, d'onde parece foi copiado.

(43) Segundo Balbi, *Effai ftatiftique fur le Portugal*, vol. i, pag. 187, a população do reino em 1527 poderia avaliar-se em 1.550:000 individuos, e em 1636 apenas em 1.100:000.

de tanto esforço e de tantas vidas, ficaram esmagados em Africa e com elles a independencia.

A Alcacer-kibir seguiu-se o reinado ephemero do indeciso cardeal, as ambições dos pretensores, a coroação tumultuaria de D. Antonio, a derrota dos seus partidarios; desce o nivel do patriotismo, a individualidade nacional tende a desapparecer, até que os governadores do reino acclamam em Badajoz o filho de Carlos v, as côrtes de Thomar lhe entregam a coroa, e Filippe ii de Castella, o rei filicida, (44) faz a sua entrada solemne em Lisboa, no meio de estrondosas festas, e até do regosijo publico! (45).

Depois da conquista, a perseguição, não só aos partidarios do malafortunado D. Antonio, como tambem aos nobres renitentes, aos que não acceitavam de boa feição o dominio do estrangeiro.

Pode-se bem inferir que neste periodo as artes e o commercio fraca prosperidade deveriam ter; primeiro, emquanto se unicamente cuidava aprestar para as correrias, depois quando se anteviam as agruras do captiveiro: em qualquer dos casos, mal se poderia cogitar no desenvolvimento das artes e das letras.

---

(44) A. Herculano, *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, vol. iii pag. 333.

O principe D. Carlos, filho de Filippe ii e de D. Izabel, filha de D. João iii, morreu violentamente em 1568 com 23 annos incompletos de idade.

(45) Mestre Affonso Ribeiro—*Das festas que se fizeram na cidade de Lisboa, na entrada del Rey D. Philippe primeiro de Portugal*, Lisboa 1581=Izidro Velasquez Salamantino—*La entrada que en el reino de Portvgal hizo la S. C. R. M. de D. Philippe*—Lisboa, 1583.—Como se sabe, Filippe ii de Hespanha entrou em Lisboa a 26 de junho de 1581.

A imprenſa acompanhou o movimento geral; ſe em 1572 havia em Liſboa 4 impreſſores e no reſto do reino outros 4, total 8, em 1584 em Liſboa não havia mais, e no reſto do reino só tres, total 7 ([46]) e neſte lapſo de tempo apenas ſahiram dos prelos da capital 92 obras, e dos outros 53, ſalvo algumas leis avulſas, total 145 obras, isto é, a media de 11 por anno.

Estas 145 obras podem claſſificar-ſe pela ſeguinte forma:

Historia, viagens....................	9
Sciencias naturaes e exactas..........	17
Direito, legiſlação...................	20
Litteratura, polygraphia.............	25
Theologia, myſtica, congeneres.......	74

A litteratura clerical, pois, repreſentava um pouco mais de metade do total dos productos da imprenſa, já então ſubjugada pelo *Index* e pela cenſura. ([47])

([46]) Em 1584 imprimiam em Liſboa, André Lobato, Antonio Ribeiro, Manoel de Lyra e Marcos Borges—em Coimbra, Antonio de Mariz, impreſſor e livreiro da Univerſidade, João Alvares e João de Barreira impreſſores regios e da Univerſidade. No Porto não havia prelos deſde 1574, anno em que aqui eſtivera Fructuoſo Pires, ſem neſta cidade estabelecer domicilio. Antes d'elle vieram e imprimiram no Porto, em 1555, Francisco Corrêa, de Liſboa; em 1540-41, Vasco Dias, impreſſor volante, de nação heſpanhol. Além dos mencionados, não houve no Porto durante o ſeculo XVI mais impreſſor algum.

([47]) O primeiro *Index* publicado em Portugal foi o de 1564, por mandado do cardeal infante D. Henrique, inquisidor geral. Foi impreſſo em Liſboa, por Franciſco Corrêa. Em 1581 publicou-ſe novo *Index*, Liſboa, Antonio Ribeiro, 1581. Ambos ſe compõem de uma parte latina e outra em portuguez.

Os poetas precavidamente ſe entretinham com as muſas, e ſó confiavam as inſpirações ou aos açafates das suas bellas ou aos codices dos amigos e curioſos; para a imprenſa não iam ellas, que no caminho eſtava a cenſura para expungir-lhe os devaneios. ([48]) Aſſim, nem Camões viu impreſſas as ſuas *Rimas,* nem Caminha as ſuas *Poeſias,* e Bernardes ſó muito tarde deu á eſtampa o ſeu *Lima,* (1596). As obras de Ferreira ([49]) e de Sá de Miranda, ([50]) comquanto conhecidas, apreciadas até, ſó o eram por compilações manuscriptas.

Foi neſta conjectura que appareceu a edição dos *Piscos.* O editor, no roſto do livro, apenas nos diz que o poema vae annotado: «Os Lvſiadas de Lvis de Camões. Agora de nouo impreſſo, com algũas Annotações de diuerſos Autores». Nas licenças porém revela-ſe que o livro soffreu modificações que nelle foi preciſo introduzir para o deixarem correr, notando-se ahi logo que eſſas modificações

---

([48]) No *Index* de 1581, parte segunda, *Catalogo dos livros que ſe prohibem, etc.*, comprehendem-se entre outras as ſeguintes obras: *Dianas,* todas as partes (Antuerpia, 1580) de Jorge de Monte-mor; *Eufroſina,* (Evora, 1561) de Jorge Ferreira de Vasconcellos; *Menina e moça,* (Evora, 1558: Colonia, 1559) de Bernardim Ribeiro; *Ropica neuma,* (Liſboa, 1532) de João de Barros; *Ulyſſipo,* (impreſſa em....) de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Eſta comedia, cuja primeira edição ſe não conhece, já vem incluida no *Index* de 1564, pela ſeguinte forma: *Ulifippo não ſe tera ſem licença de quem tiuer o carrego dos liuros.*

([49]) Antonio Ferreira falleceu em 1569. A tragedia *D. Ignez* ſó foi publicada em 1587; os *Poemas Luſitanos* em 1598.

([50]) Franciſco de Sá de Miranda morreu em 1558; as ſuas obras foram todas publicadas poſthumas, a *Comedia de Vilhalpandos,* em 1560, os *Eſtrangeiros,* em 1561 e 1569, mas as *Obras completas* ſó o foram em 1595.

tendem a tornar o poema orthodoxo e moral, confoante a epocha o pedia, e o auctor fe efquecêra de o fazer. Diz pois a licença do fancto officio:

«Vi por mandado do Illuftriffimo, & Reuerendiffimo senhor Arcebifpo de Lifboa, Inquifidor geeral destes Regnos, (51) os Lufiadas de Luis de Camões, com *algũas glofas,* o qual liuro assi *emendado como agora vay,* não tem coufa contra a fee, & bõs costumes, & podefe imprimir. E o autor moftrou nelle muito engenho, & erudição.—Fr. Bertolameu Ferreira.» (52)

É para notar que o cenfor da edição de 1584 foi o mefmo da de 1572, na qual, apefar de fe não terem feito as emendas, tambem não encontrára coufa alguma contra a fé. Dizia elle então:

«Vi per mandado da fanta & geral Inquifição eftes dez Cantos dos Lufiadas de Luis de Camões, dos valerofos feitos em armas que os Portuguezes fizerão em Asia & Europa & não achey nelles coufa algũa efcandalofa nem contraria á fe & bõs coftumes, fómente me pareceo neceffario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portuguezes na India, vfa de hũa *fição* dos Deofes dos Gentios.» (53) etc.

As crenças dos cenfores acrifolaram-fe em doze annos e por iffo, mais accentuadamente meticulofos expurgaram o poema de tudo o que mais remotamente belifcava a fé ou defpertava penfamentos menos caftos. Os *deufes* foram banidos do livro como individualidades intrufas, cuja re-

---

(51) D. Jorge d'Almeida, clerigo fecular, doctor em canones, e arcebifpo immediato ao cardeal D. Henrique.

(52) *Lufiadas*, Lifboa, 1584.

(53) *Lufiadas*, Lifboa, 1572, dita 2.ª edição, verfo da 2.ª fl.

ferencia mefmo não podia ser tolerada. Os *deufes* foram fubftituidos por *idolos*, por *fados*, por *fenhores*, por ex. no canto I, est. XXIII

«Os outros *deofes* todos affentados

foram fubftituidos, num verfo que excede a medida, por

«Os outros *Idolos* todos assẽtados

na oit. LXXV

«Ja quiferão os *deufes* que tiveffe

paffaram a fer *fados*

«Ja quiferão os *fados* que tiveffe

na oit. XXVI

«Deixo, *deofes*, atraz a fama antiga

emendaram-se para *fenhores*, crefcendo o verfo uma syllaba

«Deixo *fenhores* atraz a fama antiga

Na oitava XXX

«Quando os *deofes* por ordem refpondendo

fão os *deofes* fubftituidos por um adjectivo quantitativo

«Quando *todos* por ordem respondẽdo

Na oitava XLI

«Logo cada um dos *deoſes* ſe partio

representam-ſe por um pronome peſſoal e num verſo errado

«Logo cada um *delles* se partio

Na oitava XLII

«Queimava então os *deoſes* que Tifeo

é um adjectivo demonſtrativo que os deſigna

«Queimaua então *aquelles* que Tifeô

No canto VI, estancia XIII

«.......a guerra
«Que tiverã os *deoſes* co os gigantes

os *deoſes* são ſubſtituidos por uma periphraſe, cujo ſentido é relativo, acreſcendo que o verſo excede a medida

«.......a guerra
«Que tiuerão *os de cima* cos Gigantes

No canto I oit. XX

«Quando os *deoſes* no Olympo luminoſo

os *deoſes* são poſtos fora da celeſtial morada, ficando apenas o filho de Opis a repreſental-os:

«Quando *Jupiter* no Olimpo luminoso

No canto IX oit. XCII ([54])

«De *deoſes,* semideoſes immortaes

são os *deoſes* completamente excluidos, brindam-ſe os ſeus ſubalternos com mais um adjectivo, e o verſo fica encolhido:

«De *altos* semideoſes immortaes

Os *deoſes,* nem meſmo *vãos,* podem ſer *deoſes*: diſſera o poeta, canto X oit. XV

«Em vão aos *deoſes vãos,* surdos immotos

e a cenſura emendou:

«Aos *Idolos ſeus vãos,* ſurdos immotos

Não só deixaram de ſer *deoſes* para ſer *Idolos*, mas *Idolos vãos!*

As *deoſas* foram tambem comprehendidas na prescripção geral. No canto I oit. C

«Mas a *deoſa* em Cythere celebrada

a mãe do amor converte-ſe numa divindade de segunda ordem

«Mas a *nimpha* em Cythere celebrada

---

(54) Na edição de 1584 eſta oitava é a 87.ª por se terem cortado 5 das anteriores.

No canto x oit. III mal pareceu que o Gama se entretivesse com celestes potestades:

«Está co a bella *deosa* o claro Gama

e portanto ao egregio argonauta concederam apenas uma regia magestade:

«Estaua co a *Rainha* o claro Gama

No canto I oit. XXXVI lê-se na lição primitiva

«Mas Marte que da *deosa* sustentaua

a censura porém não concede á filha de Jupiter e Dione o substantivo appellativo com que a designam os poetas, e chama-lhe mui secamente pelo seu nome proprio:

«Mas de Marte que de *Venus* sustentava

na oitava CII do canto I, na XXII do canto II, etc. tambem não é *deosa*, é *Venus* simplesmente: no canto I oit. XXXIV não é a *clara dea*, mas a *nunca fea:* concede-se-lhe a belleza eterna, mas que seja *deosa*, isso não.

No canto x oitava x a deosa do mar não é *deosa*, é a *bella Thethys*. Ino, convertida em Leucothea, não passou por isso a ter *divino* estado, teve de contentar-se com um *sublime* estado; no canto VI oitava XXIII, o filho igualmente não entrou em o numero dos *deoses* mas dos *grandes*, mesma oitava. Na estancia seguinte, Glauco tambem não é *deos*, é *aquelle*.

No canto II o Gama deixa de ter a Venus por inter-

ceſſora ante o potente o Jove, provavelmente por apparecer-lhe

«........ como ao troiano
Na ſelva Idea já ſe apreſentara

Differa o poeta, oitava XXXIII

«Ouviolhe eſtas palavras piedoſas
A formoſa Dione, e commovida
Dentre as nimphas ſe vae que ſaudoſas
Ficarão deſta ſubita partida.
Ja penetra as eſtrellas luminoſas,
Ja na terceira eſphera recebida,
Avante paſſa e la no ſexto Ceo
Para onde eſtava o Padre se moveo.

Emendaram os cenſores, com eſta chôcha oitava, que não prima pela correcção grammatical:

«Oraua o illuſtre Gama deſta ſorte,
Quando *hua voz* ouuio q̃ do alto vinha
Dizendolhe, Não temas ver a morte
Tão propinqua a ti, & tão vesinha,
Animate, & esforça varão forte,
Que tal empreſa, a tal varão convinha,
Ouuindo iſto e Gama atento estaua,
E a voz, que bem ſe ouuia, aſſi ſoaua

Depois da ſubſtituição da oitava, cortaram as ſeguintes, deſde a XXXIV até á XLIII incluſivè, iſto é, 10 belliſſimas oitavas: a ſeguinte, que paſſou a ſer XXXIV, é retocada, não ſendo o grão tonante que responde:

«Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Hade fazer nas partes do Oriente.

Quem responde é a voz *que do alto vinha*, a qual anima os navegadores, começando por esta oitava bem pouco sublime

«Famosos Portuguezes não *temais*
Perigo algum *jamais* em Lusitanos
Nem *que* nenhum *que* elles possa mais
Em quãtas gerações houver de humanos
Que eu vos fico amigos que vejais
Esquecerense Gregos & Romanos
Pellos illustres feitos que essa gente
Hade fazer nas partes de Oriente.

Como desappareceram os *deoses*, tornou-se inutil a protestação de fé do poeta, e foram cortadas no canto x as oitavas 83 e 84. A oitava 85 passou a ser 82, por ter sido cortada tambem a 25.

As phrases que podiam escandalisar o mais austero monotheismo foram cuidadosamente substituidas sempre que se referiam a entidades pagãs. No canto II estancia LVI, que na edição de 1584 é a XLVI, o filho de Maria não é o *consagrado*, mas o *mui amado*; na última oitava do mesmo, o templo de Diana para não ser *sagrado* é apenas *insigne;* em o canto x estancia v á Sirena muda-se-lhe o adjectivo

de *angelica* para *dulcissima:* no mesmo canto, oitava XI, o *summo sacerdocio* é reduzido a *regia dignidade:* no canto I, para evitar que se chame *padre* a Jupiter, estes dois versos da oitava XLI

«Como isto disse *o Padre poderoso*
A cabeça inclinando, consentio

foram mudados por est'outros, onde se concede ao pae dos deoses um semblante risonho em compensação de se lhe eliminar o poderio

«Como isto disse *Marte Rigoroso,*
Jupiter com rosto ledo, consentio.

A objurgação feita aos membros da companhia de Jesus tambem não poude passar sem reparo, e por isso foi cortada a oitava CXIX, que começa:

«E vos outros que os nomes usurpaes
De mandados de Deus......

Esta oitava deveria ser nesta edição a CXVI. Sob o ponto de vista orthodoxo ficou o poema sem o mais leve senão.

Mas isso não bastava: o furor pudibundo dos censores levou-os tambem a cortar no poema as passagens que podessem despertar ideias menos castas ou contrárias aos mais purissimos costumes.

No canto III, estancia CXLIII, o poeta releva a D. Fernando da sua paixão adúltera.

«Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem damor experiencia

Os censores não estiveram porém de accôrdo, e cortaram a oitava, que poderia induzir a maos exemplos.

No canto v foi cortada a oitava LV, porque nella se diz que o Adamastor beijára o phantasma que tomára por Thetis

«...... e começa os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, os cabellos.

O famosissimo episodio da ilha dos amores foi mutilado sem piedade. D'aquelle risonho quadro foram cortadas as bellas oitavas LXXI, LXXII, LXXIII, LXXVIII e LXXXIII, ficando assim esta graciosa pintura sem os toques leves que tanto a realçam. Os austeros alvidradores da castidade alheia de certo exultaram, mas o painel ficou sem a graça que o auctor lhe dera, e o poema, um livro inoffensivo, mas tambem indelevel padrão da intolerancia e da falta de censo artistico.

A censura não fustigou o poema unicamente sob o ponto de vista religioso e moral, mas ainda nas suas apreciações historicas, e até nas suas manifestações scientificas.

A crítica feita a D. Manoel por mal ter pago os serviços do grão Pacheco não escapou ao censor, e portanto a estancia XXV do canto X foi riscada. Ao poeta, como historiador, não pertencia apreciar de um facto conhecido, apesar mesmo do poeta julgar o rei venturoso menos justo unicamente neste caso—*Jo nisto inico.*

O phenomeno physico das trombas marinhas, enunciado em duas oitavas, não agradou tambem aos censores, e portanto a notícia do meteoro foi riscada como at-

tentatoria da fé e bons coftumes, fe é que o não foi para juftificar a ignorancia de taes cenfores: defappareceram portanto do poema as oitavas XIX e XX do canto V.

Ainda outros córtes foffreu o livro, porém fería longo e faftidiofo esmiuçar todo o trabalho da thefoura cenfurial.

Efta edição, ainda affim, apefar das atrozes mutilações a que foi condemnada, tem certo valor hiftorico bibliographico; é certo que os ultimos verfos da primeira oitava do canto I são conformes á dita *primeira* edição de 1572, falva a terminação dos verfos:

Entre gente remota edifica*rão*
Novo reyno que tanto fublima*rão*

mas nas outras variantes, em geral, fegue a chamada *segunda*, como por exemplo:

C. II, oit. 1.ª v. 7—Quando as *infidas* gentes se chegarão —por *fingidas*.
24 v. 7.º—*Os* eftaua um maritimo pendo—por *O* eftaua.
56 v. 2.º—Filho de *Maia* a terra porque tenha (55) —por *Maria*.
74 v. 2.º—*Da* gente que vem ver a leda armada (56)—por *De*.
C. III, oit. 34 v. 5.º—Em *batalha* cruel, o peito humano —por *trabalho*.
93 v. 8.º—Que não fôr mais q̃ *todos* excellente —por *tudo*.

---

(55) Na edição de 1584, efta oitava é a 46.ª
(56) É a 64.ª

117 v. 8.º—E despois *por* Iesu certificado—por *de*.
133 v. 7.º—O nome do ſeu Pedro *que lhe* ouvistes —por *que*.
C. IV, oit. 24 v. 3.º—Como já o *fero* Huno o foy primeiro —por *forte*.
C. V, oit. 41 v. 7.º—q̃ eu tãto tẽpo *ha ja q* guardo & tenho —por *ha que*.
C. VI, oit. 41 v. 4.º—Não *ſoffre* amores nem delicadeza—por *foſſe*.
57 v. 8.º—E das damas ſervidos e *amimados* —por *animados*.
82 v. 2.º—*Doutra* Scylla & Carybdis já passados ([57])—por *Doutro*.
C. VII, oit. 70 v. 3.º—Do *rico* Tejo & freſca guadiana —por *rio*.
C. VIII, oit. 32 v. 3.º—Portugues *Scipião* chamar se deue —por *capitão*.
C. IX, oit. 30 v. 2.º—Eſtão em varias *obras* trabalhando —por *ondas*.
C. X, oit. 10 v. 1.º—*Cantaua* a bella Thetis, ([58]) que virião —por *Cantando*.
126 v. 5.º—Vê nos remotos *montes* outras gentes ([59])—por *ventos*.
156 v. 4.º—Os *muros* de Marrocos & Trudante, ([60])—por *mouros*.

([57]) Eſta oitava eſtá numerada 83.ª na edição de 84, mas é êrro, porque da oitava 75.ª paſſa-ſe para a 77.ª, continuando errada a numeração até ao fim do canto.

([58]) Nas edições ditas de 1572 eſtá *deoſa* em logar de *Thetis*.

([59]) Na edição de 1584 eſta oitava é a 123.ª

([60]) Correſponde neſta edição á 153.ª oitava e ultima.

D'esta harmonia entre a segunda edição de 1572 e a de 1584 pode-se inferir que o editor não conheceu a chamada *primeira* edição, supponho que o seja.

A edição de 1584 seguiu-se a de 1591, mutilada como aquella no texto, impressa pelo mesmo impressor, com as mesmas notas não interpoladas no poema, porém juntas no fim. As notas foram em parte eliminadas, entre ellas a referente á *piscosa Cezimbra.* (61)

Estas duas edições parece que não satisfizeram os curiosos das lettras patrias, porquanto da mesma officina que as imprimira sahiu em 1597 uma nova edição, feita á custa de Estevão Lopes, mercador de livros, (62) que obteve privilegio para a publicação, depois de ter licença da sancta inquisição, em 30 de dezembro de 1595.

Nesta edição promettia-se restaurar o texto da primitiva dos *Lusiadas*--«Polo original antigo agora novamente impressos» diz-se no rosto.

A edição, como as datadas de 1572, é em 4.°, em caracteres italicos, e tambem com 186 folhas numeradas no recto; segue em geral as lições da chamada *segunda*. Apesar porém de se dizer feita pelo original antigo, o episodio

---

(61) Esta edição é uma das mais raras, conhecendo-se hoje poucos exemplares. O sr. Innocencio accusa só a existencia de dois em Lisboa. Vi porém um terceiro que pertenceu ao fallecido sr. Francisco Antonio Fernandes, do Porto, possuidor d'uma rica e numerosa camoneana, a qual passou a novo dono. Da edição de 1584 sei da existencia aqui de 7 exemplares, dos quaes possue dois, não muito perfeitos, o meu particular amigo Antonio Moreira Cabral.

(62) Este livreiro foi tambem o editor da edição *princips* das *Rimas,* Lisboa, Manoel de Lyra, 1595, e da 2.ª edição das mesmas, impressas por Pedro Craesbeeck, Lisboa 1598.

da ilha dos amores não paſſou incolume. A oitava LXXI do canto IX, que no texto original ſe lê

«De hũa os cabellos o vento leua
Correndo, & da outra as fraldas delicadas;
Acendeſe o deſejo que ſe ceva
Nas alvas carnes ſubito moſtradas:
Hũa de induſtria cae & já releua
Com moſtras mais macias, que indinadas
Que ſobre ella empecendo tambem caya
Quem a ſeguio pela arenoſa praia.

é ſubſtituida por eſta, cujo ſentido não é claro:

«D'hũa os cabellos d'ouro o vento leua
Que madeixas d'Arabia parecião,
Acendeſe o deſejo que ſe cẽua
De ver que mais que o Sol reſplandecião:
Outra co'a preſſa cae, & já releua
Renderſe aos leues pees que a ſeguiam,
E por ſe aſſegurar de quem a offende,
Com ſe meter nas armas ſe deffende.

As oitavas LXXXII e LXXXIII, que no texto primitivo se encontram d'eſta forma:

«Ja não fugia a bella Nimfa tanto
Por ſe dar cara ao triſte que a seguia,
Como por hir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia,

Volvendo o roſto ja sereno & santo
Toda banhada em riso & alegria
Cahir se deixa aos pes do vencedor
Que todo ſe desfaz em puro amor.

«O que famintos beijos na floreſta,
E que mimoſo choro, que ſoava,
Que afagos tão ſuaves, que ira honesta,
Que em riſinhos alegres ſe tornava:
O que mais paſſam na manhãa & na seſta
Que Venus com praſeres inflamava
Melhor he experimentalo que julgalo
Mas julgueo quem não pode exprimentalo

foram igualmente ſubſtituidas por outras, onde a nympha ſe moſtra muito mais recatada e auſtera do que fôra para eſperar em sitio onde a mãe do amor temporariamente estabelecêra o ninho: foram pois ſubſtituidas eſtas famosas oitavas pelas ſeguintes, que ſe bem podiam diſpenſar:

82

Não foge a quem a ſegue a nympha tanto
Temida do perigo em que se via,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia,
Mas por lhe enfraquecer com novo eſpanto
O peito ouſado, o roſto atras volvia,
Moſtrandolhe no geſto um deſengano,
Que não teme de força humana damno.

83

«Na clara luz dos olhos radiante
Na graça com que o bello rosto vira,
Mil almas cattiuara n'hum instante
Nenhũa lhe escapara nem fugira:
Porem se a Nympha altiua ao triste amante
As forças neste passo quebra, & tira,
Depois lhe mostra emfim por piedade,
Quanto póde mais qu'ellas a vontade

Ainda neste canto, oitava LXXVI, os dois versos

«Que mais caro do que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza (63)

foram moderadamente substituidos pelos seguintes:

«Que mais que as outras estimar queria
O bem que tanto val, quando se presa.

No 7.º verso da primeira oitava do canto I tambem nesta edição se não encontra no principio a conjunção copulativa *E*.

Só na edição seguinte, Lisboa 1609, é que se encontra completamente restaurado o episodio da ilha de Venus,

(63) Estes dois versos escaparam á censura na edição de 1584.

ſem que d'eſta vez a cenſura lhe fizeſſe córtes ou ſubſtituições ridiculas. Acreſce que eſta edição ſegue em geral a lição da conhecida por *ſegunda* de 1572, incluſivè no 7.º verſo da 1.ª oitava do canto I. Emquanto ao 6.º verſo da oitava XXI do canto IX, adopta a alteração introduzida na edição de 1597.

VIII

Temos por certo que em 1572 não se fez mais do que uma edição dos *Lusiadas*, e tambem nos quer parecer que o auctor não viu provas. [64] O auctor obteve privilegio para a edição, privilegio que tinha vigor por dez annos: é mais que provavel que privilegio e original vendesse ao livreiro, sem mais curar da edição. Camões regressára da India, em precarias circumstancias, depois de 16 annos de ausencia da patria; não encontrou nella protecções, recompensas, nem como soldado nem como homem de letras. O rei, que sonhava com as conquis-

---

[64] Além das razões apontadas em a nota 34, seria grande injuria suppor que Camões deixasse escapar erros, que a sua erudição não justificam.

tas, apenas lhe galardoou os ferviços, feitos e a fazer, com uma tença modefta, que não abrigava da miferia ao poeta, e efte mal-eftar, notado por todos os biographos, havia de fatalmente influir naquelle grande efpirito, que longe da patria lhe engrandecêra os feitos com o feu efpirito arrojado. A decepção deveria fer grande, quando de volta do oriente, depois de varios diffabores, que aliás lhe não quebrantaram o patriotismo nem a infpiração, na patria fe encontrou menos confiderado do que a fua phantafia robusta lhe teria feito crêr.

A epocha, além d'iffo, era pouco asada para emprehendimentos litterarios, pelas causas de mais conhecidas.

Neftas circumftancias, o poema não despertou enthufiafmos, o que não é extraordinario, confiderando-fe que o auctor regreffára depois de larga aufencia á patria, onde não podia ter muitos amigos; e contra elle fe levantaram os invejofos, que lhe abocanharam o merito para mais fazer sobresahir o d'elles: a sua individualidade perdia-fe pela indifferença de uns, pelos defpeitos d'outros, e mais ainda, pelo defconforto a que chegára o phantafiofo cantor, genio alevantado e independente, que fe não coadunava pela fua altiva independencia com o cortezanifmo da epocha.

Não é pois certo que dos *Lufiadas* fe fizeffe em 1572 duas edições. Uma d'ellas é uma falfificação, e a *primeira*, e fó effa, é que fe deve prefumir foffe feita pelo manufcripto do auctor, manufcripto feu proprio, vifto que as circumftancias monetarias de Camões não prefumem a poffibilidade da intervenção de um amanuenfe.

Efta queftão é importante, vifto encontrarem-fe entre as duas edições, ditas de 1572, variantes que não pertencem ao auctor em uma das edições.

Dá-fe um cafo digno de reparo. Na edição de 1584,

aliás mutilada como se sabe, segue-se em geral as lições da que se tem dito *segunda* edição. Corrêa, contemporaneo do poeta, segue tambem esta: a de 1597 segue na summa a mesma, a de 1609 igualmente.

Interpõe-se a estas a dita *primeira*, com variantes, que só mais tarde foram em geral seguidas, tendo-se por certo que ao auctor pertencem as alterações que se leem na *segunda.*

Mas as variantes entre as duas edições ditas de 1572 não são tão notaveis que se possam attribuir ao auctor. Camões, se introduzisse modificações no seu poema, não se limitaria a singelas substituições de palavras, e de certo corrigiria erros, que a sua vasta erudição não permitte suppor que mantivesse numa edição nova. (65) Aquelle grande genio, ou se limitaria a sustentar na integra o seu trabalho, ou, caso o julgasse menos perfeito, não se limitaria a tão pouco; tinha pulso assaz robusto para manejar a lima, intelligencia para ampliar e substituir, e não se restringiria a leves emendas sem grave alcance e de somenos importancia.

A presumida *segunda* edição é tida como a mais cor-

(65) Sirva de exemplo na oitava xx do canto II os versos, communs em ambas as edições, ditas de 1572

Cloto co peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.

Segundo a fabula, Cloto, filha de Jupiter e Themis, é uma das tres parcas, a que empunhava a roca onde se tecia o fio da vida. Não se pode admittir que Camões, que tão bem manejava a mythologia, fizesse d'esta divindade sinistra uma nereide, e a mettesse no mar em companhia de Nize, Nerine, e as outras *alvas filhas de Nereo:* é an-

'recta e tambem feita ſob a viſta do auctor: não ſó a temos por iſſo, mas, o que é mais, como a *primeira*, e a unica pelo auctor viſta.

As raſões em que nos fundâmos, contra a opinião ſeguida, ſão obvias: alem de outras mais eſpecioſas, a historia, como ſe ella pode conſtituir, das primeiras edições, leva-nos a eſte convencimento.

Publicou-ſe a 1.ª edição, com privilegio por dez annos: a edição eſgotou-ſe, ou por ser pequena a tiragem, ou por terem ido exemplares para a India, (66) viſto o livro tractar de couſas d'ella, ou por outros motivos quaeſquer; o periodo do privilegio findára, o auctor era fallecido, o impreſſor tambem; (67) o livro eſcaſſeára no mercado. Neſtas circumſtancias, um impreſſor mais audacioſo do que os ſeus collegas (não eram muitos, só trez!) emprehendeu a

---

tes natural que neſta paſſagem ſe tiveſſe lembrado dos verſos de Virgilio (*Æneid.* l. IX, v. 102-103).

.... qualis Nereïa Doto.
Et Galetea ſecant spumantem pectore pontum.

Na edição de 1584 repete-ſe a tolice, fazendo o annotador mythologia nova, porquanto em nota a esta passagem diz: «Cloto Nympha marinha, filha de Nereo & Doris» etc.

Corrêa, Faria e Souza, Franco Barreto, etc., repetem *Cloto*. O morgado de Matheus emendou para *Doto*.

(66) A hypotheſe do livro poder ſer levado á India, como a local a que podia intereſſar, é previſta no privilegio, datado de 24 de ſetembro de 1571, no qual ſe eſtatue que o livro «ſe não poſſa imprimir nem vẽder em meus reinos & ſenhorios nem trazer a elles de fóra, *nẽ leuar aas ditas partes da India* pera ſe vẽder ſem licẽça do dito Luis de Camões ou da peſſoa que pera iſſo ſeu poder tiuer.»

(67) De Antonio Gonçalves, impreſſor da edição de 1572, não conhecemos obra alguma poſterior a 1576.

reproducção do poema das glorias patrias: mas se o paiz, sob o jugo do eftrangeiro, tendia a defnacionalifar-fe, a crença augmentava de intenfidade; a cenfura, em nome da fé e dos bons coftumes, efpatifou o livro.

O poema, affim alterado, não podia fatisfazer a curiofidade dos amadores, e na impoffibilidade de fe obter licença para dar o livro tal qual primitivamente fôra impreffo, houve alguem que, efcapando-fe á cenfura e pondo de parte efcrupulos, reproduziu o poema confoante pela primeira vez fe conhecêra. Para evitar reparos, a edição nova retracta a primitiva no rofto e no texto. O impreffor não tinha a portada que fervíra á primeira edição e fez outra, que ficou invertida por impericia do gravador. Se o impreffor foffe o mefmo, fervir-fe-hia da mefma portada, dos mefmos typos, e a contrafacção fería completa. Mas não foi. As variantes de palavras, o maior numero de erros de impreffão, provam que o livro foi trabalhado á preffa, como era natural o foffe, vifto fer feito a occultas.

A falfificação fez-se, e não houve quem fe déffe á canceira do confronto por fe não fufpeitar da fraude. Os intereffados, fob o ponto de vifta commercial, o auctor e o impreffor, não exiftiam já: á cenfura não chegou notícia da reftauração do texto condemnado, e as duas edições, parecidas entre fi, foram acceites como uma unica. Só mais tarde, e depois da publicação dos feus *Commentarios* ao poema, é que Faria e Souza attentou na exiftencia das duas edições fimilhantes, e fe julgou *primeira* uma d'ellas, unicamente por fer mais incorrecta. Pareceu bem o alvitre, e acceitaram-fe as datas irmãs como authenticas e prova inconcuffa do grande acolhimento que tivera o livro, fem fe curar da impoffibilidade da publicação fimultanea.

Mas a falfificação fez-fe, e não tinha razão de fer fe foffe feita no periodo abrangido pelo privilegio, e juftifica-

se pela conveniencia, não só litteraria, mas commercial, de restaurar o texto, corrompido na edição de 1584. Quando? pelas rasões adiante ponderadas julgâmos poder fixar o restabelecimento do texto primitivo em 1585. Deve portanto ser essa a data da 3.ª edição dos *Lusiadas*.

Examinando os productos da imprensa portugueza durante o seculo XVI póde-se tambem determinar qual seja a 1.ª edição.

Em 1551 sahiu das officinas de Germão Galharde, um dos mais activos e laboriosos impressores do seu tempo, (68) o *Summario de Lisboa*, de Christovão d'Oliveira, livro em 4.º O rosto é mettido em uma portada de madeira, que se tornou celebre. Compõe-se a portada de um plintho com seus adornos; de duas columnas, com canelluras na metade inferior, cahindo da esquerda para a direita do leitor, e a meio d'ellas dois capacetes sobrepujados com uns festões que não chegam a pousar na gola dos capiteis; pela parte de traz dos capacetes, em guisa de tro-

---

(68) Germão Galharde teve prelos em Lisboa desde 1519; em 1530 veio a Coimbra montar a imprensa dos conegos regrantes de S. Agostinho, regressando a Lisboa em 1531. Falleceu em 1560.

De 1519 vimos por elle impresso o *Tratado da pratica Darismetica ordenada por Gaspar nycolas*. O anno da sua morte determina-se á face do *Reportorio dos tempos em lingoagem portuguez*. No rosto diz—*Foy impresso em Lisboa em casa de Germão Galharde. Anno 1560*. No *fexo* do livro, porêm, lê-se: *Acabouse o Reportorio dos tempos.... o qual foy impresso em a muy nobre cidade de Lixboa em casa de viuua, mulher que foi de Germão Galharde q̃ santa gloria aja. Anno 1560*. Galharde foi de nação francez, conforme elle mesmo o declara nas rubricas de muitas das suas edições—*Germã Galharde frãcez*, diz elle na *Pratica Darismetica*.

D'este laborioso impressor, que exerceu a sua profissão entre nós durante o largo periodo de 41 annos, conhecemos mais de setenta edições.

pheus, umas alabardas cruzadas; no entablamento vê-se um pelicano, com o colo voltado á esquerda do leitor, entre dois golfinhos de phantasia. Do livro, que hoje é raro, existe um exemplar na bibliotheca nacional.

Em 1554 o mesmo impressor imprimiu o *Tratado de la vida loores y excelencias del glorioso apostol... san Ioan,* de Diogo d'Estella; serve a enquadrar o rosto a mesma portada.

A gravura, com o trabalho da impressão, soffreu alguma cousa, principalmente as partes destacadas do cheio da peça, onde a compressão era mais violenta; as hastes e cotos das alabardas, por muito isoladas dos troncos das columnas, foram mais ou menos esmagados, e o impressor, para aproveitar a cercadura, cortou as alabardas que com os capacetes formavam tropheus, conhecendo-se-lhe ainda um pedacinho das hastes. Foi assim que a portada tornou a servir, em 1554, no livro impresso tambem por Germão Galharde *Primera parte de las Sentencias que... estan por diuersos Autores escritas.* (69)

A mesma portada, já sem as lanças, serviu ainda na edição da *Doctrina d'principios e fundametos d'christãdade* (70) do bispo do Algarve D. João de Mello. A *Doctri-*

(69) Das *Sentencias* ha ainda outra edição, impressa em Coimbra por João Alvares em 1556. Um exemplar que ha na Bibliotheca do Porto carece de pag. 209 a 224, e em nota ms. diz o dono do livro, quem quer que fosse, que em cinco ou seis exemplares que vira em todos havia a mesma falta. A parte subtrahida comprehende ditos de Ovidio, que por livres foram cortados na revisão do S. Officio. Vimos alguns exemplares da edição de Galharde, que tambem não estão completos, faltando-lhe as sentenças de Ovidio, e riscadas as de Erasmo.

(70) Innocencio, no *Dicc. Bibliogr.*, seguindo o auctor da *Biblioth. Lusit.*, menciona ainda outra edição da *Doctrina*, impressa em Evora, em 1566; mas d'ella não vimos ainda exemplar algum.

na não tem data, mas foi impreſſa depois de 1554 e antes de 1564, porquanto neſte anno era já D. João de Mello arcebispo de Evora, pela renuncia nelle feita pelo cardeal D. Henrique, e do qual fôra antecedentemente coadjutor. (71)

Germão Galharde morreu em 1560 (72) e a viuva continuou com a imprenſa até 1563; d'ahi em diante não conhecemos edição alguma da caſa Galharde. Os prelos, os typos, as vinhetas, paſſaram naturalmente a outros poſſuidores.

Antonio Gonçalves eſtabeleceu prelos em Liſboa em 1568, tendo adquirido typos e utenſilios que anteriormente haviam ſido de Galharde, e imprimiu em 1572 a primeira edição dos *Luſiadas*, ſervindo-se no roſto do livro da mesma portada que ſervíra ao *Summario*, *á Vida de S. Juan*, e depois de aparada, ás *Sentencias*, e á *Doctrina de principios*. Além d'eſta portada, tambem ainda Gonçalves posſuiu outra, que anteriormente fôra de Galharde: é a que aquelle empregou na edição do *Reportorio dos Tempos*, de 1570, e ſervíra noutra edição anterior do meſmo *Reportorio*, impreſſa em caſa de viuva Galharde em 1563. Os typos italicos que nos *Luſiadas* empregou Antonio Gonçalves são os mesmos de que em 1568 se servira na impreſſão de uns poemas de Cadaval Gravio, a *Pythographia* e a *Brachyologia*; e ſão identicos a outros de que uſára Galharde, porém mais cançados. Como já diſſemos, os productos da officina de Antonio Gonçalves ſão imperfeitos, velhos os typos, ordinaria a impreſſão: aſſim, como

(71) *Evora glorioſa*, pag. 301.
(72) Vej. nota 68.

adquiriu as portadas de madeira, portadas já conhecidas, cançadas já, é natural que tambem adquiriſſe os typos.

Seja como for, do que não póde reſtar duvida, é que a edição dos *Luſiadas*, authentica, impreſſa em 1572, por Antonio Gonçalves, é a que tem na portada do roſto o pelicano com o colo voltado á eſquerda do leitor. Nem mesmo Antonio Gonçalves, que ſe ſervia de typo uſado nas ſuas edições, e tinha portadas feitas porém já ſervidas, gastaria cabedal em mandar gravar portadas novas, e alem d'isso imitativas de outras de sobejo tão conhecidas.

A outra edição, mais incorrecta, é uma falſificação, feita por outro impreſſor: ſe foſſe obra de Antonio Gonçalves, ſervir-ſe-hia dos meſmos typos, que não tinha elle tanta variedade d'elles, e da meſma portada.

Ha ainda a notar que a orthographia das duas edições não é identica; iſto prova que as edições ſahiram de prelos differentes, viſto não ſer plauſivel admittir que um impreſſor, no meſmo anno, tiveſſe duas fórmas de *orthographar* a meſma obra, e além d'iſſo ſe eſqueceſſe de dizer que a 2.ª era uma nova edição, que a podia fazer, viſto para iſſo ter privilegio por 10 annos.

Além d'iſſo, a exiſtencia de uma ſó edição dos *Luſiadas*, em 1572, coincide com o pouco movimento litterario da epocha, auctoriſa-ſe com os acontecimentos deſaſtroſos que neſſe anno ſe deram, nos proximamente anteriores, e nos ſeguintes, e ainda mais, com a indifferença que os contemporaneos votaram ao auctor do poema.

A falſificação fez-se em momento opportuno. A edição de 1584 tornára o poema deſconhecido quaſi, taes e tantos haviam ſido os córtes e as modificações; então ſim, é que o livro, que podia ter já uma acceitação relativa, reclamava nova edição, como que um proteſto ás injurias que a cenſura lhe fizera.

*

A edição appareceu, feita a occultas, imitativa, ſimilhante no typo e no roſto, mas em epocha proxima da da edição adulterada, para poder concorrer com ella, embaraçar-lhe a venda, admittindo meſmo que no mercado a edição ſubrepticia foſſe vendida occultamente e pequena a tiragem d'ella, o que até certo ponto juſtifica o diminuto numero de exemplares que da meſma apparecem hoje. A data d'eſta edição pode-ſe ſuppor de 1585, porquanto em 1586 appareceu a *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente,* 2.ª edição.

O roſto d'eſta *Copilaçam*, e do livro 2.º e 4.º, que tambem ſão eſpeciaes, eſtão mettidos dentro da portada de madeira, cópia da que ſervira ás *Sentencias,* e aos *Luſiadas,* impreſſos por Antonio Gonçalves, mas o pelicano tem o colo voltado á direita do leitor. Eſta meſma portada ſerve na edição dos *Luſiadas,* que ſe tem dito 1.ª edição. (73)

Ora o impreſſor da *Compilaçam* decerto não ia copiar uma portada velha para empregar a cópia nas obras de Gil Vicente. Se fez a falſificação foi para utiliſal-a, imprimindo uma edição dos *Luſiadas*, ſimilhante á primeira, o que aliás não podia fazer oſtenſivamente, com roſto novo, porque lh'o não permittiria a cenſura e é prova d'iſſo a edição de 1584.

Feita a gravura, e utilisada na edição dos *Luſiadas,* empregou-a depois nas obras de Gil Vicente. Eſte impreſſor foi André Lobato, que teve prelos em Liſboa de 1583 a 1587.

Notaremos que a portada, na edição da *Compilaçam,*

---

(73) No *Archivo pittoreſco,* vol. IV pag. 173, e em uma gravura *fac-ſimile* d'eſta edição, a gravura não eſtá exacta.

eftá em dois livros mal difposta: no rofto do primeiro livro tem o pedeftal e columnas invertidas, e no fegundo, o pedeftal. Só no livro quarto é que a portada eftá exactamente como na edição dos *Lufiadas*, fem defcrepancia alguma.

A *Compilaçam* é muito incorrecta, até em a numeração das folhas. Efta imperfeição do impreffor eftá parallela com a do que fez a edição dos *Lufiadas*, conhecida por mais irregular.

Dá-fe ainda outra circumftancia. André Lobato imprimiu obras por conta de Affonfo Lopes; em 1587 a *Compilaçam* das obras de Gil Vicente, em 1588 os *Autos e Comedias feitas por Antonio Preftes e por Luiz de Camões e outros;* Affonfo Lopes, apesar de moço da capella d'el-rei, e que editava livros, era de certo livreiro, como outros individuos do mefmo appellido; (74) feria feita por conta d'elle efta edição dos *Lufiadas*, em concorrencia com a de 1584, de Manoel de Lyra? A edição de 1597 foi feita á cufta de Estevão Lopez «mercador de livros.»

Seja como fôr, o que temos por certo é que a edição dos *Lufiadas*, a que tem o pelicano com o colo voltado á direita, é pofterior á edição de 1584, e anterior á da *Compilaçam*, de Gil Vicente, de 1586, e portanto a terceira do immortal poema, fendo a primeira a que tem na portada

---

(74) De 1587 a 1589 houve um impreffor em Lifboa, de nome Affonfo Lopes, o qual em 1587 imprimiu o *Libro feptimo do Amadis*. Em 1587 deixou André Lobato de ter officina, e nefte anno apparece Affonfo Lopes como impreffor: ferá o mefmo *moço da capella de el-rei*, editor de livros? as datas permittem admittir a hypothefe.

Livreiros do mefmo appellido houve por effe tempo, além de Estevam Lopes, editor das *Rimas* de Camões (1595-1598), os seguintes —João Lopes, 1588, e Simão Lopes, 1586-1598; efte ultimo teve prelos defde 1593.

do rofto o pelicano com o colo voltado á efquerda do leitor.

Pofto ifto, juftifica-fe a inftinctiva preferencia que fe tem dado ao texto da edição tida por mais correcta, que é a que tem no rofto o pelicano com o colo voltado á esquerda do leitor; e é perfeitamente acceitavel a authenticidade da nota do exemplar d'efta edição, que fe diz ter pertencido ao poeta, (75) exemplar que exiftiu, mas que não conseguimos averiguar onde hoje exifta. (76)

Determinada pois qual foffe a 1.ª edição dos *Lufiadas*, e regeitada a hypothefe da exiftencia de uma 2.ª edição feita ainda em vida do poeta, fica affente que Camões foi eftranho ás variantes que fe encontram na que tem fido chamada *primeira* edição, confiderada como mais incorrecta, devendo-fe acceitar como genuino o texto da edição chamada *fegunda* (a que tem o pelicano voltado á efquerda) e deve fer conforme ao manufcripto do auctor, falvo os lapfos de imprensa, vulgares nas edições d'aquelle tempo.

Conclue-fe portanto:

1 Que a primeira edição dos *Lufiadas*, impreffa em vida do poeta, e, como é de crer, segundo o original do au-

---

(75) Vej. pag. 38 nota 33.

(76) Temos prefente uma carta do Rio de Janeiro, na qual fe diz com referencia ao exemplar levado para aquelle imperio por fr. João de S. Boaventvra: «No acto de procurar a obra (na bibliotheca) diffeme um empregado que devia eftar na mão do imperador, e recorrendo por intermedio d'um amigo á fua Bibliotheca, quarto particular e casa forte, onde tem os livros raros, nada fe encontrou. Mostrando-felhe a pretenção, refpondeu que devia estar em poder d'elle a obra e que tractaffem de a procurar. Nefta refpofta não moftrou má vontade e fe na fua mão não foi encontrada a obra, é devido a defvio ou a falta de memoria.» Conclusão—o exemplar extraviou-se.

ctor, é a que tem na portada do rosto o pelicano com o colo voltado á esquerda do leitor.

II Que a edição de 1584, mutilada no texto, é a segunda.

III Que posteriormente a esta ultima edição, e antes de 1586, se fez outra, subrepticiamente, similhante no todo á primeira, com a mesma data, o mesmo nome de impressor, mas com algumas variantes e diversa orthographia.

ERRATA

Na pag. 40 linh. 26, onde se lê :—na edição dita segunda—leia-se —na edição dita *primeira*.

Tratado de la

vida loores y excelencias del glorioſo a-
poſtol y bienauenturado euangeliſta ſan
Iuan, el mas amado y querido diſcipulo
de Chriſto nueſtro ſaluador: cōpueſto
por el. P. F. Diego de Eſtella, de la or-
den de los frailes menores: dirigido
a la muy alta y muy poderoſa rey-
na de Portugal, y por māda
do de ſu alteza agora nue-
uamēte impreſſo.

Con Real priuilegio y viſto
por la ſancta inquiſicion.

Nota q̄ el autor mas da en eſte libro
de lo que promete: porque a bueltas de
los loores de San Iuan, van entretexidas
algunas materias morales: de manera q̄
no ſolo a los deuotos de ſan Iuan es apla-
zible, pero aun a todos los fieles Chriſ-
tianos vtil y prouechoſo.

OS

LVSIADAS

de Luis de Ca-
moẽs.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impreſſos em Lisboa, com licença da
ſancta Inquiſição, & do Ordina-
rio: em caſa de Antonio
Gõçaluez Impreſſor.*

1572.

OS LVSIADAS
de Luis de Camoẽs.

COM PRIVILEGIO REAL.

Impressos em Lisboa, com licença da sancta Inquisição, & do Ordinario: em casa de Antonio Gõçaluez Impressor.
1572.